

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**

LARISSA VEFAGO DALMOLIN

**AS MÚLTIPLAS VOZES NA MÍDIA IMPRESSA EM
FLORIANÓPOLIS: MUDANÇAS NAS SOCIABILIDADES DURANTE O
PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NA DÉCADA DE 1970**

FLORIANÓPOLIS/SC

2021

LARISSA VEFAGO DALMOLIN

**AS MÚLTIPLAS VOZES NA MÍDIA IMPRESSA EM FLORIANÓPOLIS:
MUDANÇAS NAS SOCIABILIDADES DURANTE O PROCESSO DE
URBANIZAÇÃO NA DÉCADA DE 1970**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gláucia de Oliveira Assis

FLORIANÓPOLIS/SC

2021

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Dalmolin, Larissa Vefago

As múltiplas vozes na mídia impressa em Florianópolis: :
mudanças nas sociabilidades durante o processo de urbanização na
década de 1970 / Larissa Vefago Dalmolin. -- 2021.
84 p.

Orientadora: Gláucia de Oliveira Assis

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2021.

1. Modernização. 2. Florianópolis. 3. Relações de gênero. 4.
Sociabilidades. I. Assis, Gláucia de Oliveira . II. Universidade do
Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

LARISSA VEFAGO DALMOLIN

**AS MÚLTIPLAS VOZES NA MÍDIA IMPRESSA EM FLORIANÓPOLIS:
MUDANÇAS NAS SOCIABILIDADES DURANTE O PROCESSO DE
URBANIZAÇÃO DA DÉCADA DE 1970**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

Banca examinadora:

Orientadora:	 Prof ^a . Dr ^a . Gláucia de Oliveira Assis - Udesc
Membro:	 Prof ^a . Dr ^a . Silvia Maria Fávero Arend - Udesc
Membro:	 Prof ^a . Dr ^a . Sueli Siqueira - Univale
Suplente interno:	 Prof ^a . Dr ^a . Márcia Ramos de Oliveira - Udesc
Suplente externo:	 Prof ^a . Dr ^a . Maria Catarina Chitolina Zanini - UFSM

FLORIANÓPOLIS, 8 de setembro de 2021

A meus pais: Pupo e Lucir

RESUMO

Florianópolis, capital de Santa Catarina, na década de 1970, vivenciava inúmeras transformações, tanto do ponto de vista da urbanização, quanto das novas sociabilidades que emergiam com sua transformação em cidade turística. Neste sentido, interessa compreender como ocorreram tais processos. Como instrumentos mais apropriados para os acompanhar foi escolhida a mídia impressa, pois nela se espelham, em ritmo diário, as mudanças que resultaram na transformação da cidade. Esta dissertação se propõe analisar como nela são representadas as novas sociabilidades e identidades de gênero que emergem nesse contexto de modernização da capital do estado durante a década de 1970. Para tanto, fixaram-se dois objetivos: primeiro, perceber o processo de modernização da cidade em um momento de transformação dos comportamentos sociais, culturais e sexuais; segundo, analisar as mudanças nas sociabilidades locais e identificar rupturas e permanências nas relações de gênero. As fontes dessa pesquisa são os jornais O Estado e A Gazeta, com destaque para o ano de 1974. A escolha desses periódicos se justifica por serem, na época, os de maior circulação. Foram analisadas 28 edições no período de janeiro a dezembro daquele ano. O trabalho se estrutura em dois capítulos. No primeiro, a ênfase recai sobre o processo de modernização da cidade, em meados da segunda metade do século XX, principalmente através da imprensa. O segundo, dividido em dois subcapítulos, aborda a maneira como as transformações da década de 1970 reverberaram no imaginário da população (dos antigos e novos moradores) e dos turistas que aqui chegaram. Aborda, ainda, a relação entre a modernização da cidade e as relações de gênero. Analisa, igualmente, até que ponto a transformação de uma ilha pacata em atração turística alavancou os novos tipos de sociabilidades em geral. Os referidos jornais foram considerados o melhor recurso para tal análise, por evidenciarem, em seu compasso diário, por meio de narrativas, as mudanças características de uma sociedade provinciana que, ao tempo em que cuidava da moral e dos bons costumes, passava por processos de modernização com a chegada de um novo contingente populacional, com mudanças na paisagem urbana e na vida cotidiana de seus moradores.

Palavras-Chave: Modernização. Florianópolis. Relações de gênero. Sociabilidades.

ABSTRACT

Florianópolis, capital of Santa Catarina, in the 1970s, experienced countless transformations, both from the point of view of urbanization and the new sociability that emerged with its transformation into a tourist city. In this sense, it is interesting to understand how these processes occurred. Print media was chosen as the most appropriate instruments to accompany them, as it reflects, in a daily rhythm, the changes that resulted in the transformation of the city. This dissertation aims to analyze how the new sociabilities and gender identities that emerge in this context of modernization of the state capital during the 1970s are represented in it. in a moment of transformation of social, cultural and sexual behaviors; second, to analyze changes in local sociability and identify breaks and permanencies in gender relations. The sources of this research are the newspapers O Estado and A Gazeta, with emphasis on the year 1974. The choice of these periodicals is justified because they were, at the time, the most widely circulated. Twenty-eight editions were analyzed from January to December of that year. The work is divided into two chapters. In the first, the emphasis is on the city's modernization process, in the middle of the second half of the 20th century, mainly through the press. The second, divided into two subchapters, addresses the way in which the transformations of the 1970s reverberated in the imagination of the population (old and new residents) and the tourists who arrived here. The edge is also the relationship between the modernization of the city and gender relations. It also analyzes the extent to which the transformation of a peaceful island into a tourist attraction leveraged new types of sociability in general. These newspapers were considered the best resource for such analysis, as they showed, in their daily rhythm, through narratives, the characteristic changes of a provincial society that, while taking care of morals and good customs, was going through processes of modernization with the arrival of a new population contingent, with changes in the urban landscape and in the daily life of its residents.

Keywords: Modernization. Florianópolis. Gender relations. Sociabilities.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, minha fonte de determinação e vontade para concluir este estudo.

Agradeço também a meus pais, aos quais já dediquei este trabalho, pelo incentivo, esteio e amor. Tenho certeza de que eles, mais do que eu mesma, estão orgulhosos.

Agradeço a todos os meus professores, desde o primário à pós-graduação. Em especial, à minha orientadora, professora e doutora Gláucia de Oliveira Assis, pelas pontuais colocações e correções, além de todo seu apoio e compreensão. Hoje, mais do que nunca, sei da importância de uma educação de qualidade.

Agradeço também às professoras e doutoras Silvia Maria Fávero Arend e Márcia Ramos de Oliveira, membros da minha banca de qualificação, por suas sugestões e críticas. Gostaria, também, de agradecer às professoras e doutoras Sueli Siqueira e Maria Catarina Chitolina Zanini, por prontamente aceitarem o convite para fazer parte da banca examinadora deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos que estiveram comigo nesta jornada. Este é mais um sonho realizado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Autoridades inspecionam o terreno onde passará a nova ponte de acesso à Ilha	24
Figura 2 - Verão chegando e as águas estão impróprias para banho	33
Figura 3 - SC começa a pagar o ônus do seu progresso	34
Figura 4 - É preciso participação popular para diminuir poluição nas praias	34
Figura 5 - Prefeitura limpa praia; banhista suja.....	35
Figura 6 - Poderá haver interdição em algumas praias da Ilha.....	35
Figura 7 - Boite vai ser inaugurada em Canasvieiras	44
Figura 8 - Hotel será inaugurado em Canasvieiras.....	44
Figura 9 - Florianópolis se prepara para o carnaval	45
Figura 10 - Hoteis deixam de ser promessa.....	46
Figura 11 - Moças de biquíni na praia geram polêmica	47
Figuras 12 e 13 - Haverá condições de frequentar às praias hoje?	49
Figura 14 - A bondosa natureza.....	50
Figura 15 - O Topless nos EUA já é realidade	51
Figura 16 - A participação da mulher em todas atividades aumenta em todo mundo.....	54
Figura 17 - “Sou virgem, mas não fanática”: o cinema alemão e seu comercial erótico	56
Figura 18 - Mulher precisa ter mais consciência profissional	57
Figura 19 - O papel do homem e da mulher	63
Figura 20 - O amor próprio é um mau conselheiro	63
Figura 21 - O talento de Maria Cláudia a serviço das mulheres.....	64
Figura 22 - Pequenas economias que atestarão seu espírito ordeiro	64
Figura 23 - Homens que não conseguem equilibrar suas finanças devem se casar.....	65
Figura 24 - O pequeno aro de ouro que a prende ao dever.....	66
Figura 25 – Casamento: instituição indissolúvel.....	67
Figura 26 - Proprietária e diretora do Jornal A Gazeta completa mais uma primavera	69
Figura 26 - Moças de biquíni na praia geram polêmica	71
Figura 28 - De tanga e Velosoléx para anunciar a chegada do verão.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Descrição do método para a coleta das matérias dos jornais.....	16
Quadro 2 — População de Florianópolis de 1920 a 1980.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - FLORIANÓPOLIS NA DÉCADA DE 1970 E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO	22
CAPÍTULO 2 - FLORIANÓPOLIS NAS PÁGINAS DOS JORNAIS	409
2.1 RELAÇÃO ENTRE A MODERNIZAÇÃO E AS NOVAS SOCIABILIDADES	5154
2.2 “SÓ PARA MULHER”: ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PÁGINAS DOS JORNAIS EM FLORIANÓPOLIS (1974).....	609
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
FONTES	786
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	808

INTRODUÇÃO

“De uma cidade, a história muda mais que um coração infiel”

Baudelaire

Um dos melhores espaços de reflexão sobre a sociedade moderna são as cidades, visto que elas emitem diferentes sons, sensações, sabores e dissabores. As cidades têm muito a nos dizer. A imprensa da época pode ser uma boa fonte para apreender como as transformações nelas eram percebidas e narradas. Assim, a problemática desta dissertação é compreender o processo de modernização vivenciado por Florianópolis na década de 1970, período em que passava por uma rápida urbanização e por transformações na vida cotidiana, de cidade até então pacata e provinciana, em capital turística, fato que modificou sua estrutura e nela emergiram novas sociabilidades.

Como a imprensa narra essas transformações? Proponho-me a conferir como o fazia tanto do ponto de vista da apresentação de discursos que narram a melhoria dos acessos à Ilha e às praias, a oferta de serviços para chamar os turistas e aquecer a especulação imobiliária, quanto no sentido de evidenciar novas sociabilidades e mudanças de gênero nesse contexto. Tendo em vista todos estes itens, o presente trabalho tem por objetivo analisar como são representadas na imprensa as novas sociabilidades e identidades de gênero que emergem nesse contexto de modernização da então provinciana capital do estado. Esta questão foi suscitada a partir de um primeiro estudo em que investiguei a inserção da rede moteleira em Florianópolis, no ano de 1974,¹ num momento de transformação dos comportamentos sociais, culturais e sexuais no Brasil e no mundo.

A década de 1970 pode ser considerada, para os moradores de Florianópolis, um momento de mudanças significativas. A capital passava a adquirir contornos diferentes daqueles vistos até então, momento que para o mundo do pós-Segunda Guerra Mundial se firmava uma fase áurea do capitalismo. No Brasil, o “milagre econômico” da ditadura civil-militar contribuiu muito para a urbanização e a expansão da construção civil na Ilha. “Florianópolis seguiu o novo modelo nacional e se inseriu na era do progresso e de novas

¹ Em 2013, desenvolvi o ‘Trabalho de Conclusão de Curso’ na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). O trabalho intitula-se: **O prazer é todo seu: o turismo e a inserção da rede moteleira em Florianópolis (1970-2010)**, sob orientação da profa. dra. Marlene de Fáveri.

possibilidades de acesso a padrões de consumo e de desenvolvimento.”² A cidade passou a ser caracterizada, na mídia local, por suas belas praias e meninas desfilando de biquíni, o que repercutiu entre os cidadãos provocando um sentimento mágico e fantástico. Isso aparece muito bem evidenciado na imprensa daquele período, que destaca em suas colunas as possibilidades afrodisíacas da Ilha.

À luz do ideário de mudança e progresso, forma-se uma nova classe média brasileira, alimentada por ideais que transcendiam e alteravam os valores da época em questão, caracterizados como individualismo e liberdade. Vale ressaltar que, até o final da década de 1950, Florianópolis ainda vivia sob os contornos de cidade pequena, provinciana e, como tal, apresentava desigualdades de gênero - como veremos mais adiante - e poucas opções de lazer para seus moradores, bem como aos turistas que estavam começando a chegar à cidade. Dentro dessas opções de lazer, há que se destacar o futebol, o cinema. Não menos, as casas de prostituição, que então se encontravam espalhadas por toda a cidade. Vários eram os locais destinados a encontros sexuais, além da prostituição nas ruas. Garotas de programa eram facilmente encontradas nas imediações do centro.

As formas de relacionamento social no contexto de Florianópolis daquele momento suscitam um olhar para o passado. Alguns acontecimentos são fundamentais para o entendimento e a compreensão de fenômenos vinculados ao crescimento da cidade e às suas transformações. Minha abordagem, neste trabalho, perpassa os contornos geográficos de urbanização, e vai além.

Pensar a cidade de Florianópolis através das mudanças nas sociabilidades é remeter aos primeiros anos de urbanização e entretenimento da cidade; é pensar na construção da representação social da população que retoma as mudanças vivenciadas a partir da segunda metade do século XX, percebidas como um momento de ruptura com o passado. A capital de Santa Catarina dá indícios de modernização desde meados do século XIX; no entanto, foi somente a partir da segunda metade do século XX que a urbanização começou a se concretizar. Alguns acontecimentos são fundamentais para o entendimento e a compreensão desses fenômenos. Todos, estritamente vinculados ao crescimento ou desenvolvimento da cidade.

² ACORDI, Carla; FREIRA, Felício Moura. Florianópolis como cidade da ditadura: urbanização, milagre econômico e habitação no regime militar. In: **Florianópolis no Tempo Presente**. CAMPOS, Emerson de César; FALCÃO, Luiz Felipe e LOHN, Reinaldo Lindolfo (orgs.). Florianópolis: Editora da Udesc e Diosesc, 2011, p. 54.

As atividades de lazer e o turismo são reconhecidos como uma forma ou um meio viável para o desenvolvimento de qualquer território, já que uma das vantagens associadas é a obtenção de lucro e o enriquecimento da comunidade receptora devido aos significativos efeitos multiplicadores destas atividades. Estas práticas associadas ao erotismo e à sexualidade em situação de lazer estão mais presentes no ambiente urbano. Isto poderá dever-se ao maior grau de tolerância, aos maiores níveis de insensibilidade e à menor preocupação com a vida de vizinhos e elementos da comunidade onde se reside, que parece ser mais elevado no urbano do que no rural. Porém, algumas atividades, de oferta de serviços associados a clubes noturnos, discotecas e motéis especializados encontram nas periferias urbanas e no rural próximo a sua principal localização.³

O trabalho se insere no estudo da expansão urbana e turística de Florianópolis, como bem ressalta Reinaldo Lindolfo Lohn:

Dentre os diferentes futuros para Florianópolis encontrados em várias representações produzidas, há um acento muito importante na incorporação do discurso nacional desenvolvimentista por parte das elites, projetando uma cidade que superasse o *atraso*, as ruas estreitas e as dificuldades econômicas. O turismo surgiu então como a alternativa praticamente solitária para que os anseios de acelerar as transformações se concretizassem.⁴

Com a conjuntura econômica favorável que possibilitou o acesso a bens de consumo às camadas médias da população, durante a Ditadura Civil Militar (1964-1985), o Brasil alcançou taxas de crescimento muito elevadas, que decorreram, em parte, da política econômica então implementada, principalmente sob a direção do ministro da Fazenda, Antônio Delfim Neto, mas também de uma conjuntura econômica internacional muito favorável. Esse período passou a ser conhecido como o do “milagre econômico brasileiro”. Durante o governo de Médici (1969-74), foi criado o documento ‘Metas e Bases para a ação do governo’, ao qual se seguiria o I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) para 1972-1974, publicado em 1972, com metas por setor de atividade econômica. Destinaram-se, também, significativos recursos para a construção de residências e aquisição de moradias através do Sistema Financeiro de Habitação (SFH).

Muitos autores chamam a este período econômico de modernização conservadora, pois, ao tempo em que se promoviam transformações urbanas, ele era ao mesmo tempo excludente e segregacionista. No caso de Florianópolis, como evidencia em seu texto Reinaldo Lohn, aconteceu uma espécie de “modernização com baixos salários”, momento em que grande parte da população sofreu exploração de mão de obra e não teve seus salários regulados de acordo o momento desenvolvimentista. Conclui-se, por isso, que o processo de modernização da ilha de

³ NADAIS, C. e SANTOS, N. (2012). O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 1 (jun.). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. p. 158.

⁴ LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o futuro**. Relação de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. p. 10.

Santa Catarina privilegiou apenas a camada média e a alta da população, que receberam grandes investimentos e melhorias urbanas para transformar a cidade em capital turística.⁵

Diante deste cenário desenvolvimentista, Florianópolis, assim como outras cidades brasileiras, ruma para a metropolização, ou seja, torna-se centro de uma região metropolitana, para, então, reduzir a influência de metrópoles vizinhas sobre Santa Catarina. Além disso, a partir da segunda metade do século XX, a capital adquire contornos diferentes dos da época colonial, como a exploração do turismo, a intensificação do setor de serviços e a constituição das universidades – a do estado e a federal. Ainda segundo Lohn,⁶ é nesse momento que se afirma a vocação turística da cidade, elaborada explorando as paisagens naturais, as praias e os contornos da ilha.

Nesse contexto de anseios de progresso para as camadas médias, também foram concluídas as BR's 101 e 282, a estrada que ligava o centro da cidade de Florianópolis aos balneários de Canasvieiras e Ingleses. Além disso, a conclusão da nova ponte e o aterro da Baía Sul foram transformando a paisagem de uma cidade pacata num polo de atração turística.

Diante desses fatores e do crescimento cidade, os governantes responsáveis pelo município na década de 1970 não mais aceitaram a presença de “desocupados” e prostitutas nas ruas, o que explica as medidas profiláticas que visavam à erradicação do despudor praticado nas ruas. Até então, conforme evidencia Fiorentin, era muito comum encontrar prostitutas pelas ruas do centro de Florianópolis e casas destinadas a encontros sexuais. A julgar pelos discursos dos políticos e poderosos empresários interessados na intensificação do projeto de “ordem” e “limpeza” da Ilha, era necessário “reconstruir e moldar o espaço da cidade às novas visões de mundo que ambicionava o desenvolvimento através do turismo.”⁷

Atrair turistas e ricos para a Ilha de Santa Catarina significava, de alguma maneira, desqualificar o nativo, colocando-o numa condição apenas folclórica. A própria cidade de Florianópolis é qualificada por suas belezas naturais. Feminilizada com as imagens de mulheres de biquínis nas praias, torna-se mágica e fantástica. Franklin Cascaes recupera esse elemento mágico na ancestralidade da Ilha. A imprensa, por seu lado, intensifica, com charme e *glamour*,

⁵ LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). **Revista Brasileira de História**, 20 out. 2016, p. 16-27, 297-322; 318. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100013. Acesso em: 10 jun. 2021.

⁶ LOHN. **Pontes...**2002, 202.

⁷ FIORENTIN, Maryana Cunha Ferrari. Vila Palmira – Prostituição em Florianópolis e São José (1960 - 1980). In: **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo Presente** / (organizado por) FÁVERI; Marlene de SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (org.). Florianópolis: Editora Udesc, 2010. p. 198.

as possibilidades afrodisíacas. O contingente que vem de fora se enche desse imaginário e explora a Ilha dentro dessa “imagem antecipada”⁸ que vai sendo estimulada.

Justifico no estudo do tema o recorte de 1970 por já o haver estudado em pesquisa anterior, na qual foquei, em particular, a inserção da rede moteleira na cidade, o que tem aberto espaço para outras questões, uma das quais encaro agora, que são as mudanças de fisionomia, de provinciana a metropolitana, e, ainda mais detalhadamente, no que afetou as identidades de gênero.

O processo envolve urbanização, atração turística, preocupação com a estrutura urbana e social, a questão do acesso às praias, assim como determinadas estruturas sociais.

Quanto à urbanização, embora tenha focado especificamente a década de setenta, devo esclarecer que o processo já se havia iniciado na década anterior, isto é, nos anos 1960, que foi quando em Florianópolis começou a se intensificar o processo de urbanização, e com ela, as políticas de remodelação urbana com vistas a modernizar e a higienizar a cidade, o que significava transferir para outros espaços os pobres, os considerados vagabundos e as prostitutas, estratos sociais que poderiam prejudicar a imagem de “cartão postal” que se pretendia imprimir à área central da cidade e às praias mais procuradas. No que toca à prostituição, o então secretário de Segurança Pública, Jade Magalhães, defendia a necessidade de se transferir as casas destinadas a essa função e frequência da área central para a cidade São José, cidade vizinha, para um loteamento de casas chamado Vila Palmira,⁹ onde funcionavam um motel e uma *whiskeria*.¹⁰ Esse espaço, segundo o secretário e autoridades, se prestaria como mecanismo de invisibilização das pessoas que as praticavam. Tais medidas, porém, velavam uma preocupação que implicitamente admitia novos comportamentos, novas práticas sexuais, a liberdade de o fazer, assim como admitia e reconhecia costumes afins.

As narrativas sobre o processo de modernização de Florianópolis se inserem nas discussões da História do Tempo Presente, para o que me valho da teoria exposta por François Dosse. Por tal visão, ou teoria, o autor não busca uma continuação do passado, mas a emergência de acontecimentos que quer entender. Segundo tal teoria, deve-se entender por História do Tempo Presente, dentre outras conceituações, o ato de historiar acontecimentos de um passado ainda contemporâneo, ou seja, de um passado que ainda ressoa na contemporaneidade. Escreve o autor:

⁸ AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo, Papirus, 1995

⁹ FIORENTIN. Prostit. áreas urb. ...2010, p. 199.

¹⁰ Antes de o Motel Meiembipe, – que foi o primeiro de Florianópolis, tomar a conotação de motel, ele foi uma espécie de *whiskeria*, uma mistura de boate e motel. Dispunha de uma área central que servia de boate, e os quartos para a prática de relações sexuais.

Dessa mudança historiográfica resulta uma ampliação do conceito de “tempo presente” que não é mais considerado um simples período adicional mais próximo. O conceito remete em sua acepção extensiva ao que é do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não contemporâneo. A noção de “tempo presente” se torna nesse contexto um meio de revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também das possíveis incertezas. A distância temporal que nos separa do passado se transforma, porque até então considerada uma desvantagem, ela se transforma em uma sedimentação de camadas sucessivas de sentido que expandem o seu alcance graças à maior profundidade.¹¹

Adotada esta perspectiva, o tema ganha importância para a história, porque vincula a prática da oferta de serviços que aparecem junto dos discursos e da propaganda de uma cidade que tinha que se preparar para a chegada de novos moradores e turistas. Ou seja, os processos de modernização afetam a vida das pessoas de diferentes classes sociais e provocam mudanças significativas. No Brasil, especialmente, este debate é fundamental, sobretudo para o século XX, e, mais particularmente, no período da Ditadura Militar.

Compreende-se que um dos desafios do historiador da História do Tempo Presente é justamente mergulhar em fontes documentais, muitas das quais ainda carecem de distanciamento temporal dos acontecimentos para um entendimento adequado em determinado momento futuro, que permita avaliar o que é ou não relevante para ser inscrito na História. Entretanto, cabe ao historiador encontrar pistas de uma “indeterminação do presente das sociedades passadas.”¹²

Se é necessário partir do presente para fazer perguntas ao passado, como propõe François Dosse,¹³ então é necessário olhar para o processo de modernização de Florianópolis para entender os seus sentidos.

Admitida a tese de Dosse, seria possível considerar a década de 1970 em seu processo de modernização suficientemente passado para se fazer perguntas, quando nos damos conta de que está tão próxima que é como falar de uma Florianópolis que ainda comicha, incomoda, desassossega em âmbito particular e público? Em meu próprio convívio, assim como no de possíveis leitores deste trabalho, há pessoas com lembranças ainda vivas desta época.

As mudanças que ocorreram na cidade, principalmente no aterro, ainda causam dúvidas e insatisfações. São inquietações que nos levam a pensar em como essa modernização chegou à cidade. Deveria ter sido ela realmente da forma como ocorreu, ou, pensa-se hoje, poder-se-

¹¹ DOSSE, F. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E HISTORIOGRAFIA. HISTORY OF THE PRESENT TIME AND HISTORIOGRAPHY. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, 2012. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em: 5 nov. 202. p.11-12.

¹² DOSSE. Rev. Temp. Arg. v. 4, n. 1, p. 15, 2012.

¹³ DOSSE. Rev. Temp. Arg. v. 4, n. 1, p. 13, 2012.

iam ter preferido outras possibilidades? Muitas pessoas ainda se sentem culpadas por ter deixado o mar ficar tão distante.

A presente dissertação partiu dos indícios contidos em duas bibliografias que serviram como referenciais teóricos.

Apoiada em *Pontes para o futuro*, do professor Lohn (2002),¹⁴ procuro demonstrar a ideia do futuro de Florianópolis através dos jornais, de planos diretores e projetos urbanísticos contemporâneos daquele momento, para demonstrar como então a vocação “natural” do turismo foi um processo de construção histórica e política que ordenou e configurou a cidade.

Já na segunda fonte, Fantin (2000), em *Cidade Dividida*,¹⁵ o que encontro é uma cidade dilacerada por disputas, de um lado, pela “angústia do atraso”, e, de outro, pela “agonia do progresso”, ou seja, entre o temor do provincianismo e as matreiras ou dissimuladas armadilhas do cosmopolitismo.

Apesar de tão diferentes, as abordagens destas duas obras ajudaram a descortinar os olhares sobre as tensões socioculturais provocadas pelas transformações urbanas que de fato ocorreram.

Se as duas fontes me ofereceram o que se pode chamar de “pontos de vista”, para não me prender as análises, achei conveniente, trabalhar com os discursos no jornais mais “pé no chão”, razão por que recorri a fontes da época, diárias, impressas, supostamente objetivas por retratarem o que acontecia, se passava, se pensava ou discutia naquele momento, ou seja, jornais, e dentre eles, O Estado e A Gazeta, não apenas vigentes na época, como por serem bastante emblemáticos no que tange a assuntos relacionados à sociedade florianopolitana. Além disso, eram os maiores jornais em circulação em Florianópolis no início da década de 1970. Consultei em torno de trinta exemplares - de janeiro a dezembro de 1974. Tendo por referência a proposta do então secretário da Segurança, de uma “limpeza do centro”, meu foco inicial era buscar notícias relacionadas à inauguração do primeiro motel na cidade de Florianópolis. Isto explica a razão de as fontes serem majoritariamente datadas de 1974. Outra informação pertinente é a de me estar aqui referindo, em termos de pesquisa, à que fiz em 2013. Quando desse primeiro trabalho, admito nada haver encontrado relacionado ao objeto de pesquisa. Porém, como então eu era bolsita de Iniciação Científica do Laboratório de Gênero e Família (Labgef-Udesc), e como todas as matérias que tinham cunho relacionado à temática de gênero me chamavam a atenção, selecionei as colunas e as guardei como arquivo pessoal para utilização em possíveis novos trabalhos. Eles me pareceram realmente pertinentes à presente

¹⁴ LOHN. *Pontes...*2002, *ibid*.

¹⁵ FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida*: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Cidade Futura, 2000.

dissertação. No quadro 1, exponho as fontes e critérios utilizados para o arquivamento do material então recolhido.

Quadro 1 – Descrição do método para coleta das matérias dos jornais

Número de jornais analisados	Palavras-chave	Seções
• A Gazeta – 16 exemplares • O Estado – 12 exemplares	Florianópolis; mulher; turismo; motel; hotel; urbanização; carnaval; verão; praia; mudanças...	Entretenimento, Colunas sociais; Variedades; Notícias em geral.

Fonte: Tabela criada pela pesquisadora (DALMOLIN, 2021).

Diferente das colunas sociais, as seções dedicadas ao público feminino já existiam nos jornais catarinenses desde a década de 1950. O jornal *A Gazeta* contou com diferentes cronistas. A coluna intitulada “Só para mulher” era semanal, direcionada às mulheres. Havia nela conselhos matrimônios, domésticos e, principalmente, de como deveriam tratar os homens. Atributos da norma social orientavam seus comportamentos e lhes cobravam docilidade, maternidade, fidelidade, ou condutas normatizadoras inscritas na cultura e nas relações de poder. O que é mais curioso é que essa coluna intitulada estava localizada geralmente abaixo da coluna de Celso Pamplona, um dos cronistas de maior prestígio do jornal, visto seu estilo irreverente que o aproximava do cronista social Clodovil.¹⁶

O jornal *O Estado* era ligado ao Partido Social Democrático (PSD) e tinha como principal concorrente, na década de 1950, o jornal *A Gazeta*, que apoiava o partido União Democrática Nacional (UDN). O primeiro desses periódicos era de propriedade de Aderbal Ramos da Silva, ex-governador do estado de Santa Catarina. É o periódico mais antigo de Santa Catarina e, na década de 1970, era o mais destacado veículo de comunicação impresso no estado.¹⁷ As informações sobre esses periódicos são fundamentais, tendo em vista que as sensibilidades, os preconceitos, as tradições e os interesses presentes nas colunas sofrem a interferência das redes de sustentação dos jornais em que eram veiculadas.

Desse modo, torna-se necessário ressaltar que os jornais apresentam não apenas uma versão de acontecimentos, como também sua própria criação. Estes são selecionados e editados a partir de interesses que envolvem disputas políticas e econômicas no momento de sua veiculação.¹⁸ Apesar disso, tratando-se das análises dos discursos, não encontrei grandes

¹⁶ D SANT’ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder**: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970 / 2005. p. 208.

¹⁷ PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder**: a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

¹⁸ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

dissonâncias entre os dois jornais. A prática historiográfica alterou-se consideravelmente nas décadas finais do século XX. E não é apenas a prática que muda; o campo de investigação também se alarga. Temas que antes nunca haviam sido discutidos dentro da história começam a aparecer, não só, como se tornam moda, tendência ou voga a partir da década de 1970.

Os jornais são tomados como fonte por se considerar seu poder discursivo, buscando entender as representações sociais, que, por sua vez, ajudam a ‘construir’ sobre a cidade e seu processo de modernização o imaginário através dele provocado ou criado. Longe de qualquer neutralidade, este meio expõe e cria sentidos a partir de interesses do lugar de onde emana e para quem é direcionado, sejam interesses econômicos, políticos ou ideológicos. Pensar a respeito destes possíveis interesses nos faz compreender, e a mim têm ajudado, por que determinados sentidos são criados, e que objetivos podem existir por detrás deles.

Na presente dissertação também é importante fazer menção ao fotojornalismo, já que, durante a década de 1970, as fotografias começaram a inundar as páginas dos jornais. Quando se fala em fotojornalismo, não se fala exclusivamente de fotografia, pois a fotografia, na maioria das vezes, era incapaz de passar determinadas informações, daí a necessidade de conciliar fotografia e texto.¹⁹

O fotojornalismo é a construção de uma narrativa em imagens pela junção de fotografias e textos. No fotojornalismo, o texto tem várias funções: chamar a atenção para a imagem; complementar informativamente a foto; ancorar seu significado; abrir um leque de significações possíveis e, finalmente, comentar ou interpretar a fotografia ou seu conteúdo.

Há muitas formas de se analisar as fotografias dentro da história; afinal, ela é parte da memória voluntária das pessoas, mas também pode se fazer presente na memória involuntária, quando desperta para o momento ausente da foto. São várias questões que se devem levar em conta ao se interpretar imagens do fotojornalismo em periódicos, mas creio que se deva começar pela própria imagem, e, a seguir, passar à estrutura da página; depois, relacioná-la ao conjunto do periódico, para, finalmente, considerar o contexto e as estruturas sociais, políticas e econômicas envolvidas em sua produção e recepção social. Assim, privilegiam-se a potência da imagem, a produção de sentidos e os significados sociais.²⁰ Segundo Gombrich, as imagens não são autoexplicativas, pois “a interpretação por parte do autor da imagem deve ser correspondida pela interpretação do observador. Nenhuma imagem conta sua própria

¹⁹ SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo - Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. 2002. p. 10.

²⁰ MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64 - 89. jan./abr. 2016.

história”.²¹

Durante a década de 1970, a imprensa escrita na capital de Santa Catarina era mantida majoritariamente pelos dois citados jornais - O Estado e A Gazeta. A partir de 1966, os editoriais, que até então se entretinham numa espécie de disputa político-partidária, mudam a feição e passam a tratar de cultura e variedades.²² Estes jornais constituem importantes acervos dos processos que marcaram o tempo presente na cidade. “Acessar a imprensa do período permite compreender deslocamentos culturais relativos aos usos sociais de espaços e lugares numa cidade em mudança.”²³ Os jornais apresentam-se, assim, como fontes indispensáveis para compreender um passado presente, além de mediar lembranças e percepções de um tempo recente que impactou ativamente as trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos.

O próprio jornal se tornou objeto da pesquisa histórica. René Remond²⁴ chamou de renovação do político a toda essa emergência de sociabilidades, que despertam novos sentidos no campo político. É inegável o papel que essas fontes historiográficas, como é o caso dos impressos, exercem no alargamento dessas novas práticas e representações sociais. Nada melhor, para mostrar o cotidiano e as representações sociais de uma sociedade, que um periódico que acompanha diariamente todos os enfoques, embora, como bem ressaltou Tania Regina de Luca, a imprensa construa as narrativas sobre determinados acontecimentos, pois a imprensa periódica “seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”.²⁵

Sua importância como fonte para a compreensão da paisagem urbana e das representações e idealizações sociais é notória quando se estudam os diferentes estilos de vida dos grupos sociais, e os próprios. Além disso, é importante destacar que as fontes utilizadas no presente trabalho foram produzidas por indivíduos pertencentes às camadas sociais médias urbanas e letradas de Florianópolis e, ainda, que elas eram escritas para a publicação num espaço bem específico da cidade.

Há uma estreita relação entre as diversas temáticas e a escolha dos periódicos como fontes de pesquisa. A partir do alargamento do campo historiográfico e das temáticas da história do tempo presente, encontrou-se uma grande potencialidade de materiais nas páginas dos

²¹ GOMBRICH, Ernest Hans. **La imagen y el ojo: nuevos estudios sobre la psicología de la representación pictórica**. 2. ed. Madrid: Debate, 2002. P.136

²² PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

²³ SANT’ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970 / 2005**. P.207

²⁴ RÉMOND, René. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996.

²⁵ LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 138.

jornais, principalmente no que tange a assuntos que antes não tinham notoriedade, como gênero, sociabilidades, aspectos do cotidiano, etc. É evidente o uso cada vez maior das fontes impressas em teses e dissertações consultadas.

Segundo Tania Regina De Luca,²⁶ é necessário destacar alguns aspectos metodológicos que têm guiado a utilização dessas fontes: a forma como os impressos chegavam às mãos dos leitores, sua aparência física, conteúdo, relações com o mercado, a publicidade, o público, os objetivos propostos.

O processo de crescimento da cidade de Florianópolis e a iminente chegada de novos moradores e turistas ampliaram as ofertas de serviços para os que ali chegavam e os que ali já estavam estabelecidos. Num primeiro levantamento analítico de referências sobre a trajetória do meu objeto, alguns trabalhos suscitaram um olhar mais atencioso. Utilizando as palavras-chave *história do tempo presente; transformações; Florianópolis; sociabilidades*, encontrei algumas obras que me ajudaram a descortinar os olhares em torno do tema.

A chegada de novos moradores e sua inserção na Ilha geraram muita polêmica e sérios conflitos quanto ao futuro da cidade. De um lado, havia os que desejavam que ela conservasse o perfil de cidade pequena; de outro, os que desejavam que se transformasse numa grande metrópole moderna.²⁷ Depois do processo de massificação vivenciado por Florianópolis a partir da década de 1960, o crescimento proporcionado pelos planos desenvolvimentistas que ocorreram durante o regime militar ofereceu às camadas médias todas as condições necessárias para que a cidade fosse moldada de acordo com seus anseios.

A construção da “Florianópolis Capital Turística” faz parte de um projeto político das décadas de 60, 70 e 80. Além do desejo de torná-la cosmopolita, por modernos traçados urbanos que marcavam um certo progresso, esse “sonho” de modernização da Ilha se faz cada vez mais nítido nos discursos políticos. Nas matérias selecionadas dos jornais aparecem corpos de mulheres que evidenciam o uso de atributos estéticos na produção de imagens de uma cidade turística, que pretende contribuir para o entendimento das relações de gênero e construções culturais imbricadas nas relações de poder.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro, a ênfase recai sobre o processo de modernização da cidade em meados da segunda metade do século XX, principalmente através da imprensa do período. O segundo, subdividido em dois subcapítulos, aborda a maneira como as transformações advindas da década de 1970 reverberaram no

²⁶ LUCA, op. cit., p. 139.

²⁷ FANTIN, Márcia. **Cidade dividida**: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Cidade Futura, 2000. p. 64.

imaginário da população (dos antigos e novos moradores) e dos turistas que aqui chegaram. Aborda, ainda, a relação entre a modernização da cidade e as relações de gênero, e até que ponto a transformação de uma ilha pacata em atração turística alavancou os novos tipos de sociabilidades em geral.

1 FLORIANÓPOLIS NA DÉCADA DE 1970 E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO

No início do século XX, Florianópolis ainda mantinha características de cidade colonial, com algumas dezenas de milhares de pessoas, com um futuro político e econômico ainda totalmente incerto. Ao longo do século, a Ilha de Santa Catarina passava por algumas reformas que iriam interferir ativamente no cotidiano de seus moradores. Assim escreve Loh:

Em Florianópolis, um dos marcos da primeira fase de reformas urbanas, no início do século XX, foi a construção da Avenida Hercílio Luz, conhecida na época como Avenida do Saneamento. Inaugurada em 1922, para sua abertura foi necessária a demolição de pequenas casas e cortiços, remanescentes do período imperial e que se localizavam à beira do Riacho da "Fonte da Bulha", o qual foi canalizado ao longo da nova avenida, a fim de sanear a cidade. Naquele momento o Urbanismo submetia-se ao discurso médico que alertava para os riscos de surtos de doenças contagiosas, disseminadas em razão das precárias condições de higiene da população. A malária contaminava enormes contingentes da população do litoral de Santa Catarina, e as campanhas de profilaxia seriam os meios mais adequados para combatê-la. A ordem médica, disciplinadora e burguesa, ditava, então, as intervenções urbanas, saneando e moralizando hábitos, corpos e práticas sexuais. Era o 'problema sanitário', verificado em várias cidades brasileiras, mas com algumas particularidades em Florianópolis.²⁸

Com o passar do tempo, as atividades artesanais e portuárias – que até a metade do século XX eram o carro chefe da economia - começaram a dar sinais de esgotamento; o mar foi aterrado e um novo cenário passou a florescer, tornando o turismo uma opção, quase exclusiva, de desenvolvimento, atrelado à especulação imobiliária.

Seguindo as vocações de gestão urbana que se impunham, em 1951, a Câmara de Vereadores florianopolitana aprovou a Lei 073/51, que autorizava a cidade a elaborar o seu primeiro plano diretor. O plano urbano teve a sua aprovação pela Câmara Municipal no ano de 1955, pela Lei nº 246/55²⁹ e, desde então, andou consoante as necessidades da cidade. A partir daí, foram estabelecidas algumas regras pelos urbanistas, como largura das ruas e altura dos edifícios. Um ponto forte, que alavancou o processo de modernização de Florianópolis, foi a conjuntura nacional. A política nacional-desenvolvimentista da década de 1950 centrou o seu foco na industrialização. Dessa forma, a opção mais viável para os capitalistas foi fomentar o transporte rodoviário e investir na construção de rodovias para aumentar a demanda de mercadorias.³⁰

²⁸ LOHN. (2007) Rev. Bras. Hist. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100013. Acesso em: 10 jun. 2021.

²⁹ LOHN. (2007) Rev. Bras. Hist. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100013..., p. 40. Acesso em: 10 jun. 2021.

³⁰ AREND, Silvia Maria Fávero. **Filhos de criação**: uma história dos menores abandonados no Brasil (década de 1930). Doutorado em História. UFRGS, 2005. p. 30.

O planejamento urbano da década de 1950 é de suma importância para se entender os futuros contornos de Florianópolis, onde o mar, de economicamente vital importância, passa a ser apenas local de lazer. É importante salientar que, antigamente, o mar tinha função de escoamento de água servida e dejetos humanos. As habitações coloniais próximas ao mar, tinham os fundos voltados para ele, enquanto as janelas ficavam voltadas para a rua, ou seja, o banho de mar só começou a se popularizar e a ser aceito como uma prática saudável e de lazer ao longo da metade do século XX.³¹ A mudança, em relação ao banho de mar, tem a ver com a transformação da cidade em destino turístico, vindo a constituir, hoje, parte indissociável da paisagem florianopolitana.

As próximas décadas que se seguem foram um marco cronológico na história do Brasil e do mundo. Os anseios por modernização, porém, não se dão apenas no campo econômico, mas também no social e cultural. O advento dos movimentos de contracultura, a difusão da pílula anticoncepcional, na década de 1960, a rearticulação do movimento feminista no Brasil e a lei do divórcio da década de 1970 contribuíram para a mudança dos costumes das décadas anteriores, mesmo ainda sendo evidentes comentários conservadores nos jornais florianopolitanos, como se verá no próximo capítulo.

Os investimentos urbanos, a conclusão das rodovias BR's que ligam à cidade, a finalização da ponte Colombo Salles e o aterro da Baía Sul foram transformando a paisagem e abrindo caminhos para uma “nova” capital, que passará a ser conhecida, posteriormente, nos anos 1990, como “Capital Turística do Mercosul”. O crescimento econômico e social passou paulatinamente a “enterrar” aquela cidade de características atrasadas, e Florianópolis começou a adquirir particularidades de cidade moderna. Os sinais de mudança passaram a ser observados em todos os lugares, desde o cenário geográfico da cidade, até o trânsito e os hábitos e costumes locais - uma nuance entre o “atraso” e o “progresso”, numa paisagem marítima associada a um centro comercial e administrativo.

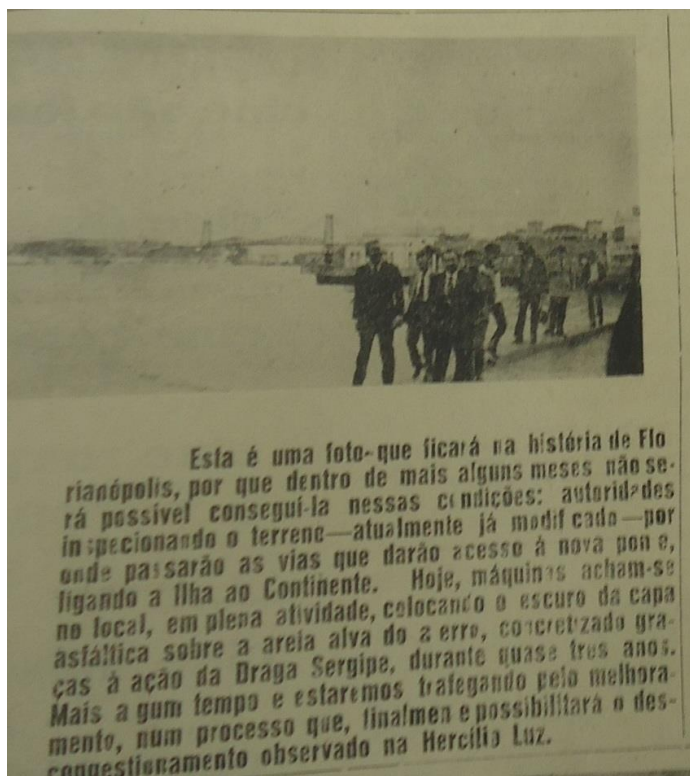
As novas obras viárias, junto com os aterros, andaram em consonância com o esgotamento da capacidade da ponte Hercílio Luz e a ameaça de ruir – assim como ocorreu com outras pontes estrangeiras –, o que motivou a construção de uma nova ponte para aliviar o tráfego. A ponte Colombo Sales começou a ser planejada e as obras mudaram o visual radicalmente com o aterro em frente ao Mira-Mar.³² Os jornais da época retratavam as futuras

³¹ FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina** - Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

³² “Construído em 1928, com um trapiche que avançava vinte metros no mar, foi um espaço que congregou diferentes usos, como os de café, bar, restaurante, teatro e por onde circularam pescadores, boêmios, poetas, políticos, crianças. Até 1972, quando se iniciou o aterro da Baía Sul, ele representou o ponto de intimidade entre os florianopolitanos e o mar. Mas no início daquela década, o seu precário estado de conservação indicava outros

mudanças com excitação como se Florianópolis estivesse adentrando num momento de desenvolvimento irreversível. O funcionamento da Draga Sergipe³³ era quase que um evento para os moradores, já que o equipamento quebrava a rotina da cidade.

Figura 1 - Autoridades inspecionam o terreno onde passará a nova ponte de acesso à Ilha



Fonte: — Jornal A Gazeta – 24 de novembro de 1974. P. 12

O centro da cidade estava passando por mudanças irreversíveis, que anunciavam o prelúdio dos novos rumos daquela década. Além do centro, os bairros começavam a ter vida própria. Paralelamente ao aumento populacional, os problemas sociais de desigualdade também ficaram mais evidentes, principalmente nos municípios da área conurbada.³⁴

Uma característica da expansão da Região Metropolitana pode ser destacada pela observação do crescimento dos municípios vizinhos, da área conurbada de Florianópolis, como São José, Biguaçu e Palhoça. Em 1960, a população de Florianópolis correspondia a 58,2% do total de habitantes da área conurbada; em

rumos para os espaços públicos da cidade. Do *glamour* que ostentou entre as décadas de 1930 e 1950, o Miramar encontrava-se “com telhas quebradas, estacas corroídas pelo tempo, paredes descascadas, sem pintura adequada e usado, inclusive, como mictório público”. Este exemplo demonstra que a imagem de uma cidade ligada ao passado colonial, provinciana e atrasada, era rejeitada naquele momento, ao menos por parte do poder público (NONNENMACHER, 2007. p. 307).

³³ Indicadas para remoção de materiais sólidos do fundo de corpos d’água, as dragas de sucção e recalque são cada vez mais demandadas para o desassoreamento de rios, lagoas, mares, baías e canais de navegação.

³⁴ CANELLA, Francisco. O movimento dos sem-teto em Florianópolis: mudanças no perfil dos atores e práticas (1990–2013). **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 268-288, dez. 2016. ISSN 2178-4582. p. 270.

2010, abriga 49,26% (CANELLA, 2011, p. 68). Embora a população de Florianópolis tenha crescido muito nas últimas décadas, esse crescimento ocorreu em toda a área metropolitana, e com intensidade maior nos municípios vizinhos.³⁵

Florianópolis estava crescendo num ritmo acelerado – acompanhando a dinâmica de outras cidades brasileiras. Visto isso, os investimentos estatais pairavam sob a lógica do consumo, que via a atividade turística como principal alternativa. De seu lado, os investimentos na parte insular de Florianópolis passaram a construir uma cidade elitizada, apoiada em forte apelo publicitário, fomentado, inclusive, pelos grupos dirigentes dos jornais, que compunham parte da aristocracia da cidade.

Essa discrepância entre ilha/continente fez surgir uma explosão de moradores pobres no continente, marcando uma notória desigualdade social entre a parte insular, considerada destino das camadas médias e altas, e o continente, habitado pela população mais pobre. Na cidade estetizada, turística, os pobres passaram a ser colocados na invisibilidade, fora do alcance dos olhares dos turistas. Havia, e há, em Florianópolis, uma clara demarcação social que separa as classes médias e altas, num processo de segregação urbana.

Apoiada nos projetos políticos de nacional-desenvolvimentismo por parte das elites, Florianópolis foi incorporando um projeto de cidade que deveria superar o “atraso”. Um dos elementos centrais da representação da modernidade foram os investimentos em tecnologia. Nessa lógica de consumo e investimentos, a “cidade-mercadoria”³⁶ preparava-se, inclusive, para receber recursos tecnológicos sofisticados, como o sinal de TV, entrando, assim, no índice das grandes capitais atingidas pela tecnologia de ponta.

Os anos 1960 foram marcados, também em Santa Catarina, pelos acontecimentos nacionais: a eleição, a “austeridade” e a renúncia de Jânio; a passagem para o governo de Jango; o populismo, que foi engolido pelas passeatas das “famílias com Deus pela liberdade”; os governos militares. Tudo isso esmoreceu o entusiasmo dos empreendedores. Mas, como sempre, houve exceções, para confirmar a regra. Foi nesse clima que surgiu a agência de publicidade Propague, pioneira no mercado publicitário no estado.³⁷ A Propague foi a ponte para a Florianópolis moderna na arte de anunciar. Com ela, começaram a aparecer cartazes coloridos, diversificados, ilustrações artísticas que arregalavam os olhos desacostumados dos consumidores. De repente, em meio a uma exaustiva lista de produtos, arrolada pelo locutor de rádio, passaram a ser ouvidos anúncios com música de fundo, criativos e insinuantes.

³⁵ CANELLA. *Rev. Ciên. Hum.* v. 50, n. 2, p. 171. dez. 2016.

³⁶ Id., *ibid.* p. 271. dez. 2016.

³⁷ EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. Os primórdios da televisão em Santa Catarina: mercado e produtos. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 3, n. 1, p. 137, 2014.

A Propague já nasceu com uma visão multifacetada. Promoveu a vinda da televisão, o turismo. O carnaval, por exemplo, desde sua fundação, criou um prêmio chamado ‘Cidadã Samba’, que premiava a melhor passista do carnaval de Florianópolis.³⁸ A Propague ainda realizou palestras, encontros, congressos e feiras. Tornou-se o selo de garantia para que qualquer iniciativa que interessasse ao desenvolvimento da cidade desse certo. As reformas urbanas ocorridas na cidade nas décadas de 1950 e 1960 foram projetos de grupos dominantes da cidade, que se valeram da experiência cultural que a sociedade estava vivendo em torno da construção de um projeto de futuro, com vistas à construção do poder e das estruturas sociais.³⁹

Esse desenvolvimento foi utilizado com fins publicitários e políticos. O candidato vitorioso das eleições da década de 1960, Celso Ramos, usou largamente a propaganda do desenvolvimentismo, enchendo as páginas dos jornais com os seus grandes feitos e investimentos nos setores da agropecuária, da educação e saúde, além da criação e instalação de diversas instituições, como a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc), o Banco do Estado de Santa Catarina (Besc) e a Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina (Udesc). Foram também criados, na década de 1960, o Banco Regional de desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), e uma série de incorporações de empresas de energia elétrica, fundamentais para a criação das Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc). A energia elétrica chegou, para valer, a Florianópolis, só em 1964.⁴⁰

Em 1965, foi criado o Serviço Estadual de Turismo. Em 1968, o Departamento Autônomo de Turismo (Deatur) e o Conselho Estadual de Turismo. Dois anos depois, o Codesul e o Deatur publicaram o estudo “O Turismo em Santa Catarina”. Nesse estudo, ressaltavam-se “as potencialidades de Santa Catarina, políticas de turismo, dos fomentos necessários”, assim como se traçava um pequeno “histórico da evolução da ocupação das praias”.⁴¹

Ainda, a criação da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo), em 1966, contribuiu com as propagandas turísticas da cidade, como se pode constatar neste panfleto de divulgação:

A primeira impressão de quem visita Florianópolis é que está no paraíso. A beleza é tanta que entorpece os sentidos. O verde das montanhas, o mar, a fragrância da natureza exuberante, ainda virgem. Florianópolis é ilha oceânica com 451km², 42 praias, 280 mil habitantes. Capital de Santa Catarina, é ao mesmo tempo cosmopolita e provinciana. [...] Conheça Florianópolis, a Ilha Encantada dos viajantes de todos os tempos e de todas as estações.⁴²

³⁸ EMERIM; CAVENAGHI. Os primórdios... **Rev. Bras. Hist. Míd.** v. 3, n. 1, p. 137, 2014.

³⁹ LOHN. (2007) *Rev. Bras. Hist.* Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100013., p. 275. Acesso em: 10 jun. 2021.

⁴⁰ Id., *ibid.*

⁴¹ LUNARDELLI, Daniel. A “Cidade Milagre”: Novos contornos de uma Florianópolis em vias de modernização. **Cadernos NAUI**, v. 2, n. 2, jan./jun. 2001, p. 65.

⁴² EMBRATUR. Secretaria de Turismo de Florianópolis. Prefeitura Municipal de Florianópolis. **Ilha de todos os sonhos**. Florianópolis, s/d. Panfleto.

Parte da população que se dirigiu para Florianópolis esteve articulada com pessoas que se evadiam dos grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Ainda, segundo Rafael Damaceno Dias,⁴³ a implantação de empresas na cidade, como a Eletrosul, a Celesc e a Telesc, trouxe um grande contingente de funcionários. Assim escreve Maria da Graça Agostinho Faccio:

Cabe ressaltar, sobre a expansão do Estado, que, além da questão quantitativa, o que diferencia significativamente as décadas de 60 e 70 é que o Estado ampliou extraordinariamente suas ações para além de suas funções tradicionais, atuando diretamente na economia, com a criação de órgãos públicos com autonomia para funcionar como uma empresa.⁴⁴

A paisagem da cidade, suas praias, combinadas com montanhas numa pequena ilha, contribuíram para construção das representações de lugar paradisíaco de Florianópolis. Além disso, Franklin Cascaes, um eminente artista e escritor local, colecionou e recriou histórias de bruxas em seus desenhos, esculturas e livros, ajudando a construir uma imagem de Florianópolis como um local de magia e encantos, que, mais tarde, vai lhe conferir o apelido de “Ilha da Magia”.⁴⁵ Segundo Márcia Fantin,⁴⁶ o termo “Ilha” é utilizado pelo peso simbólico que o nome Florianópolis tem, e, em segundo lugar, por causa do charme que a palavra “Ilha” projeta no imaginário das pessoas.

Quando se pensa em uma ilha, recorda-se apenas da parte insular, como se se projetasse uma áurea idílica no pensamento das pessoas. É inegável o caráter simbólico e quase mítico de Florianópolis, e isto se deve muito à sua particular geografia, aos “símbolos”, a seus típicos hábitos culturais, tanto na gastronomia, quanto na cultura em geral. As paisagens naturais da Ilha se constituíram num ponto importante para a construção da cidade como lugar turístico. Uma ilha que reúne 42 praias, uma Lagoa da Conceição e um Morro da Lagoa; patrimônios históricos (Mercado Público, Praça XV...); culinária (sequência de camarão); festas (Farra do Boi, Festa do Divino...) e símbolos como a renda de bilro e a pesca artesanal, não há como negar tratar-se de exemplos bastante emblemáticos da cultura florianopolitana para quem a

⁴³ DIAS, Rafael Damaceno. **Que invasão é essa?** Leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970-2000). 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. p. 10-12

⁴⁴ FACCIO, Maria da Graça Agostinho. **O Estado e a transformação do espaço urbano:** a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. p. 76.

⁴⁵ MICHELMANN, A. C. (2015). **Franklin Cascaes, a divulgação turística de Florianópolis e a Invenção da “Ilha da Magia”**. 2015, 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

⁴⁶ FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida:** dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Cidade Futura, 2000. p. 54.

visita. Todos estes elementos foram evocados na construção da chamada vocação turística da cidade – leia-se vocação com o sentido de tendência, possibilidade, um vir a ser.

Além disso, a expansão das universidades a Federal (UFSC) e a do Estado de Santa Catarina (Udesc) contribuiu muito para a modernização da cidade – pensando que o que caracteriza uma cidade cosmopolita é a capacidade de lidar com a diferença e o crescimento populacional. Pensando nisso, as universidades receberam grande contingente de estudantes e colaboradores de várias partes do Brasil, que trouxeram consigo costumes e diferenças culturais que interferiram significativamente no cotidiano ilhéu.

Com a chegada deste novo contingente, o modo de se relacionar com a noite também mudou. Segundo Glaúcia Dias da Costa,⁴⁷ a noite torna-se local de prazeres descriminalizados, aberta a pessoas de todas as idades, sexos e condições sociais. Grande parte da população culpava a falta de iluminação no centro como uma das causas para as liberdades impudicas. Através de pressões populares e da imprensa, em 1962, por conta da Elffa (Empresa de Luz e Força de Florianópolis), toda a iluminação do centro da cidade foi reformada. A nova iluminação das ruas não alterou muita coisa, visto que ainda era comum nos arredores da praça XV ver mulheres se prostituindo.

Um exemplo bastante emblemático é a Rua Conselheiro Mafra - assim chamada em homenagem ao político Manoel da Silva Mafra -, posteriormente malfadada como “Rua do Pecado”,⁴⁸ que funcionava como uma porta de entrada da cidade portuária, ou seja, lá se encontravam o Mercado Público, a alfândega, as agências de navegação, os estaleiros, os comércios de importação e exportação. Era um vaivém de pessoas em torno do comércio portuário.

Era comum encontrar estabelecimentos que ofereciam hospedagem e entretenimento baratos aos recém-chegados, terreno propício a atividades festivas e à realização de atividades consideradas ilícitas, como a prostituição. Por ser uma rua com grande circulação de pessoas, andavam por lá transeuntes de todos os tipos, desde trabalhadores do cais, prostitutas, e até “senhoras de família”. Como não havia uma fronteira geográfica que separasse estas pessoas e “na expectativa de construir e marcar as diferenças, algumas ‘prescrições veladas’ incorporavam-se ao cotidiano dos moradores, trabalhadores e frequentadores da Rua, como o

⁴⁷ COSTA, Glaucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis** (décadas de 50, 60 e 70 do século XX). Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

⁴⁸ NONNENMACHER, Marilange. Conselheiro Mafra: a alma de uma rua chamada “pecado”. In: **Prostituição em áreas urbanas: histórias do Tempo Presente** / (organizado por) FÁVERI; Marlene de ; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (orgs.). Florianópolis: Editora Udesc, 2010. p. 95-132.

acatamento às determinações de horários e limites de circulação.”⁴⁹ Sendo assim, a Rua Conselheiro Mafra não era frequentada por famílias durante a noite, pois a noite era só para homens e prostitutas.

Além das queixas sobre a prostituição, também havia reclamações gerais, como buzinas, bêbados e boêmios na madrugada. Junto a isso, as reclamações quanto à deficiência do sistema de esgoto, o cheiro de urina nas ruas, o entupimento dos bueiros, problemas que fizeram com que a imprensa e os moradores cobrassem ativamente a responsabilidade dos órgãos competentes; afinal, proclamava-se o ideal de transformar Florianópolis em uma das capitais mais progressistas do Brasil.

Com as reformas urbanas características da década de 1970, o trânsito de veículos passou a fluir nas vias construídas sobre o aterro. Assim, a Rua Conselheiro Mafra desapareceu um pouco dos holofotes, o que favoreceu a fama de “Rua do Pecado”, onde eram comuns, crimes, assaltos, brigas e a prostituição.⁵⁰ Pleiteava-se, dentre as reclamações das famílias da época em torno da remodelação urbana, a implantação de novas práticas sociais, destacando-se o papel ativo de médicos, políticos, inspetores de saúde, jornalistas, todos clamando por salubridade e por uma rígida posição das autoridades frente aos costumes inadequados da população.

A Rua Conselheiro Mafra foi pautada pela elite local como lugar de malandros e vagabundos. Como a rua se encontrava em localização estratégica, que deveria servir como porta de entrada para a cidade, face a tantos entraves e dissabores, acabou transformada em uma verdadeira “porta dos fundos”. Apesar de parte do casario nela localizado ter sido tombado pelo patrimônio histórico, nada consta de idílico e sacral na rua. Segundo Nonnenmacher, o que restou foram a má fama e a ligação com as atividades ilícitas e imorais, de violência e precariedade sanitária.⁵¹

As ruas foram consideradas desde cedo, pela polícia e pelos médicos, como lugares de perigo. Perigo de contágio, perigo de violência individual e coletiva. O esquadrinhamento dos quarteirões, numa combinação de poder médico, é muito praticado segundo a ótica higienista, desde o final do século XIX. Atualmente, nossas ruas continuam a justificar e a intensificar o imaginário dúbio do prazer/perigo.⁵²

Com a política de sanitarismo e modernização, que expressava a imagem de limpeza da capital catarinense da década em questão, foi incorporada, por parte da administração pública de Florianópolis, seguindo o modelo de outras capitais do Brasil, como São Paulo, a erradicação

⁴⁹ NONNENMACHER, Prostit. áreas urb. ...2010, p. 103.

⁵⁰ Id., ibidem.

⁵¹ Id., ibidem.

⁵² PECHMAN, Robert. **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 191.

dos bordéis e das casas noturnas do centro urbano, com o intuito de propiciar mais conforto à população. No caso de Florianópolis, também os estabelecimentos para encontros “profanos” e aqueles que eram a imagem de decadência e do atraso foram induzidos a evitar contato com os que desejavam o progresso e a modernização.

Os poderes públicos, usando de sua força política e até mesmo, muitas vezes, uma explícita pressão, tais estabelecimentos foram forçados a se transferir para um loteamento em Barreiros, na cidade de São José, construído especialmente com o intuito de centralizar e encerrar a devassidão do centro da cidade. Esse loteamento de casas ficou conhecido como Vila Palmira,⁵³ uma rua que abrigava casas simples e luxuosas, porém, todas com o mesmo propósito.⁵⁴

Com relação à Vila Palmira, ela marcou época em Florianópolis, proporcionando aos seus frequentadores vários atrativos, tais como shows, bares, jogos e o serviço de profissionais do sexo. A Vila era também um ponto de encontros masculinos na busca do prazer, onde eram construídos códigos de honra ligados a masculinidades, criando imagens públicas de homens bravos e viris.⁵⁵

Partindo dessa lógica patriarcal e machista, é importante salientar que a prostituição era vista com maus olhos pelos moradores da cidade, sendo inclusive denunciada em discursos de jornal, caso da coluna de Osvaldo Melo que dizia: “Perigo à vista: a velha e mal alinhada Rua Conselheiro Mafra não tem mais jeito. Além de torta e sem cuidados, por ali existem os mais velhos pardieiros da cidade e as mais perigosas fontes de doenças: as prostitutas.”⁵⁶

O curioso é que se falava apenas das mulheres que a praticavam e jamais dos homens que serviam de clientela para tal prática. Sendo assim, era necessário isolar do centro da cidade as prostitutas, pecaminosas e fontes de doenças. Isolamento, porém, não significa fim. Era necessário isolar o mal, mas não se poderia interferir na construção da masculinidade dos jovens rapazes, que viam naquela prática o melhor jeito de se afirmar e de preservar a honra de suas namoradas e futuras esposas.

Tendo em vista a impossibilidade de uma rápida eliminação da prostituição, e na tentativa de controle e delimitação a uma área e instalações próprias para as prostitutas, é elaborado pela Inspetoria de Higiene do Estado de Santa Catarina e pela Superintendência da Polícia, em 1927, um Regulamento de Meretrício; medida essa que já havia sido tomada no século XIX em Paris, no Rio de Janeiro e em outras

⁵³ Cabe ressaltar que o nome Vila Palmira se deu em decorrência do nome da senhora Palmira Veiga, a quem o marido, Célio Oliveira da Veiga, com a melhor das intenções, quis homenagear após sua morte. O nome de Palmira ao loteamento tinha a ver com a herança de família, que desejava ali construir casas populares. Sua ideia teria sido nobre se o então secretário de Segurança Pública, Jade Magalhães, não tivesse resolvido instalar um prostíbulo ali no loteamento. FIORENTIN, 2010, p. 200.

⁵⁴ NONNENMACHER. Prot. Áreas urb.2010, p. 97-105.

⁵⁵ FERRARI, Maryana Cunha. Conselheiro Mafra: a alma de uma rua chamada “pecado”. In: **Prostituição em áreas urbanas: histórias do Tempo Presente**. FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. (orgs.). Florianópolis: Editora Udesc, 2010. p. 204.

⁵⁶ MELO, Osvaldo. Perigo à vista. O Estado, Coluna Nossa Capital, Florianópolis, 4 out. 1961, p. 3.

idades brasileiras. Apesar de ainda desconhecemos se este regulamento, aqui em Florianópolis, foi efetivado oficialmente, e se isso ocorreu, como se constituiu sua prática; temos a percepção de toda uma ação controladora por parte do poder público sobre essas mulheres. Ação essa que não ficou restrita somente aos seus corpos, mas estendia-se às suas relações sócio-econômicas e às suas expressões sócio-culturais.⁵⁷

Também é importante salientar a inexistência, até a década de 1970, de motéis para encontros casuais na cidade. “Estas imposições e regras construídas na cultura, e ligadas ao imaginário e às relações de gênero, durante muito tempo foram vivenciadas em Florianópolis e se apresentavam de forma marcante em períodos distintos.”⁵⁸ A partir daí, na metade da década de 1970, porém, segundo Fiorentin, a Vila Palmira começou a entrar em decadência, pois, com o processo de modernização da cidade, começaram a aparecer outros lugares para satisfazer os boêmios, como boates e *whiskerías*. Ainda com resquícios de província, a elite local foi desejando mudanças, alinhando-se ao turismo e aos turistas. Era necessário mudar, e foi nesse cenário de rupturas de costumes que Florianópolis se tornou a capital que é hoje.

De acordo com o IBGE (Quadro 1), o crescimento de Florianópolis se deu de forma mais expressiva a partir da década de 1960. Mas não se pode falar apenas em crescimento quantitativo, ou seja, o crescimento urbano de Florianópolis no período estudado corresponde à emergência de uma nova população, modificada não apenas pela ampliação do número de moradores, como também pelo comportamento e as atitudes que esses moradores passaram a ter em relação ao convívio com a cidade.⁵⁹

Quadro 2 — População de Florianópolis entre 1920 a 1980

Ano	População Florianópolis
1920	41.338
1940	46.771
1950	67.630
1960	98.520
1970	143.414
1980	196.055

Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 ago. 2019.

Contudo, como se pode evidenciar nos jornais (Figura 3), criou-se uma ideia de que a cidade cresceu muito, mas de forma desorganizada, gerando problemas dos mais diversos, sendo comparada até às cidades mais caóticas do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo. Com a difusão dos discursos e dos movimentos ecológicos, começou a preocupação em preservar a

⁵⁷ PEREIRA, Ivonete. Imagens de prostitutas. Um enfoque da sociedade florianopolitana na primeira metade do século XX. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 1, n. 1, p. 26-35, 1994, p. 34.

⁵⁸ FERRARI, V. Palmira: prost. 2008. p. 33.

⁵⁹ COSTA. **Vida not. cult. urb. Flor.** ... 2004. p. 12.

preciosa imagem paradisíaca que envolvia o imaginário turístico sobre a Ilha. A aceleração da urbanização começou a preocupar os governantes. O que antes servia de chamariz, pois era necessário tirar o aspecto de atraso e provincianismo, passou a chamar a atenção negativamente pela poluição desmedida, aliada ao grande crescimento da construção civil e às obras desordenadas nas diversas praias.⁶⁰

Constrói-se aqui um paradoxo entre um plano preservacionista e um crescimento desenfreado. Entre tantas imagens projetadas sobre essa cidade turística, seja na imprensa, seja junto aos leitores do jornal, há também uma resposta a essas duas projeções: a imagem que o turista faz da cidade que ele visita. Neste sentido, os jornais deixam algumas pistas do que sentiam as pessoas que visitavam Florianópolis naquela década. Todos são unânimes em falar das belezas naturais; no entanto, eles se espantam com a falta de higiene nas praias, com cartazes que indicavam águas impróprias para banho (Figura 2).

Começaram a aparecer nos jornais locais, com as campanhas massificadas para atrair turistas, discursos que condenavam o crescimento desenfreado e a especulação imobiliária. Florianópolis estava pagando o ônus do seu progresso. Uma cidade carente de redes de esgotos modernas, que ainda tinha que conviver com os detritos deixados nas praias pelos turistas (Figuras 5).

Essa preocupação entre ecologia e turismo, que ainda continua muito em voga, tratando-se da capital catarinense, ganhou visibilidade há algum tempo, como bem ressalta Sergio Luiz Ferreira.⁶¹ O intuito era proteger as belezas naturais da ilha para que assim atraísse mais visitantes. Porém, até a década de 1970, a preservação das belezas naturais não era algo discutido pelos governantes, pois, então, eles não enxergavam possibilidades de lucro nessa política preservacionista. Foi somente a partir da década de 70 que começaram a aparecer discursos com vieses de desenvolvimento econômico através da exploração turística.

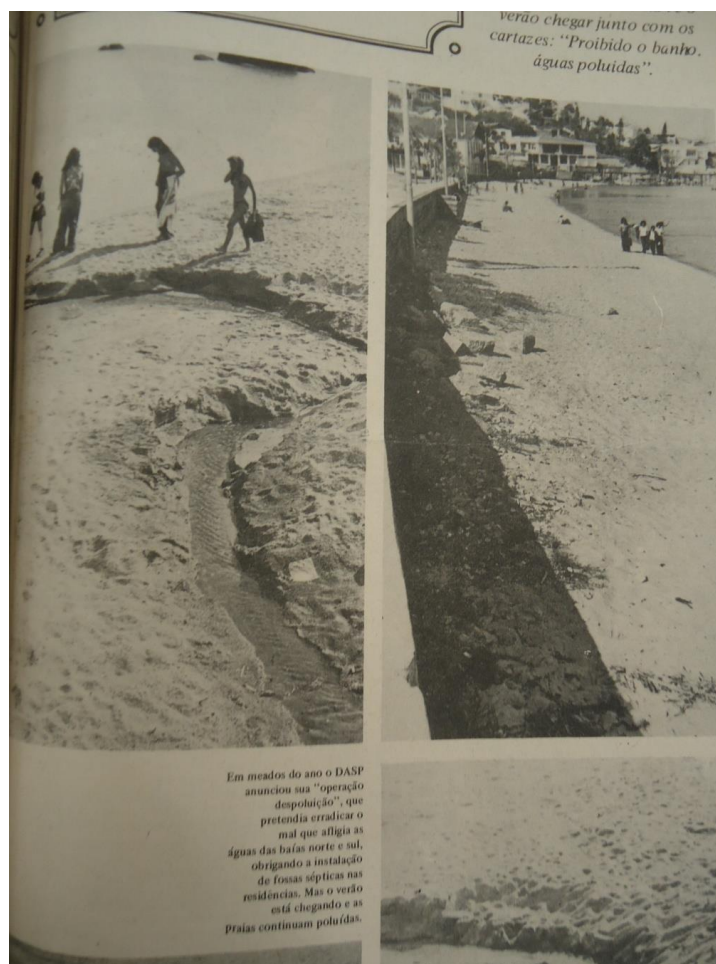
Neste ínterim de transformações pelas quais o mundo passou após a década de 1960, as discussões sobre ecologia e meio ambiente começaram a chamar particularmente a atenção, por sua inquestionável disseminação pelo mundo, e a Ilha de Santa Catarina não fugia à regra. Ficou cada vez mais evidente nos jornais a preocupação com os discursos ecológicos, quando, ao mesmo tempo, se começou a esperar um grande contingente de visitantes que encontrariam praias impróprias para banho devido ao progresso desenfreado (Figura 3).

⁶⁰ ASSIS, Leonora Portela de. **Planos, ações e experiências na transformação da pacata Florianópolis em capital turística**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. p. 47- 51.

⁶¹ FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

Foi exatamente neste cenário que os movimentos ecológicos encontraram terreno fértil para se fortalecer. Iniciava-se um grande embate de opiniões, em razão, segundo Márcia Fantin, das divergentes e diferentes concepções de futuro.

Figura 2 - Verão chegando e as águas estão impróprias para banho

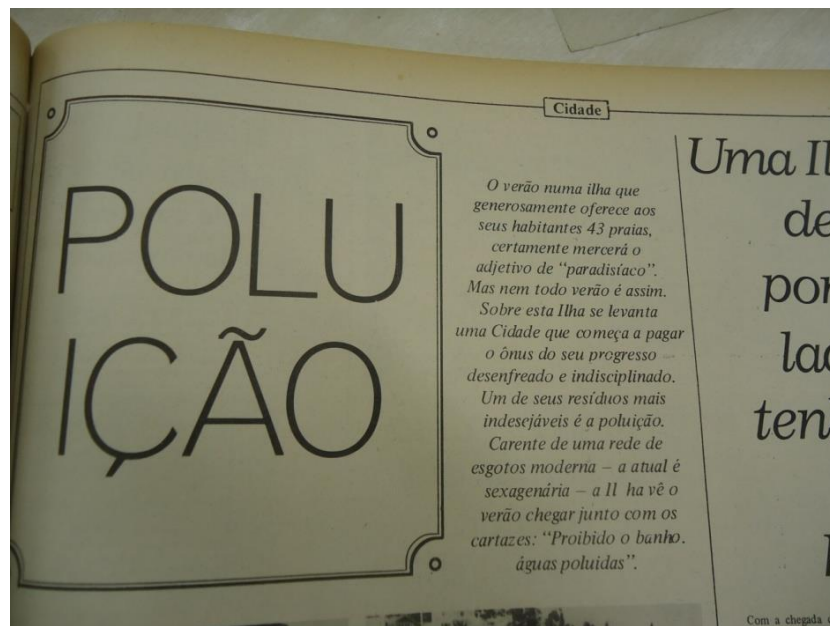


Fonte: Jornal A Gazeta – 8 de dezembro de 1974.

A autora apresenta inúmeras reflexões neste sentido, afirmando ter-se firmado dois grandes blocos que se opunham nessa disputa sobre a política de crescimento do município. Havia quem vislumbrasse uma metrópole - pessoas geralmente ligadas à elite local e/ou a partidos conservadores - e os que se batiam pela manutenção de um perfil médio para a Ilha - em geral, intelectuais da universidade e simpatizantes dos partidos de esquerda.⁶²

⁶² FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Cidade Futura, 2000. p. 17-19.

Figura 3 – Santa Catarina começa a pagar o ônus do seu progresso



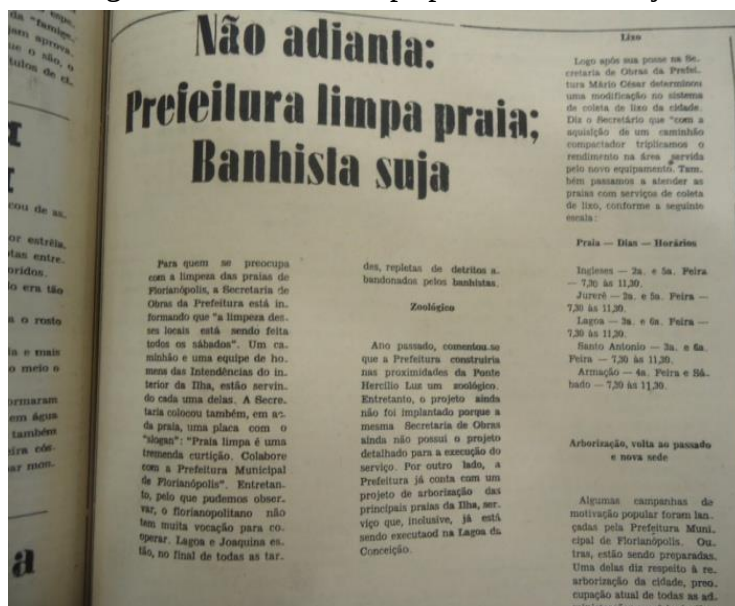
Fonte: Jornal A Gazeta - 4 de outubro de 1974.

Figura 4 - É preciso participação popular para diminuir poluição nas praias



Fonte: Jornal A Gazeta - 29 de janeiro de 1974.

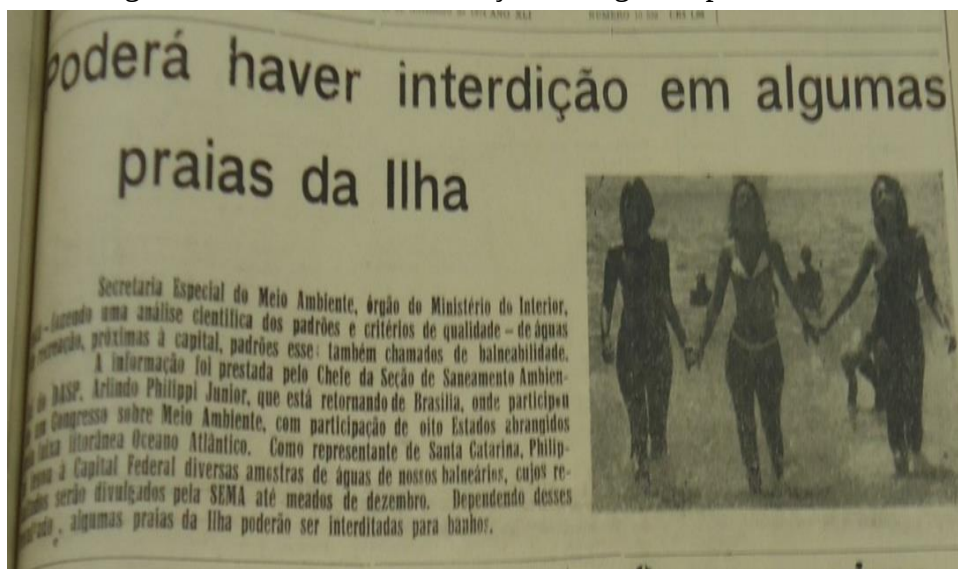
Figura 5 - Prefeitura limpa praia; banhista suja



Fonte: Jornal A Gazeta – 9 de fevereiro de 1974.

Na abertura da temporada de verão de 1974, “O Estado” publicava a lista do Dasp, que listava as praias livres de poluição, todas nos limites da região oceânica à da Ilha, e as impróprias para banho, na região continental.

Figura 6 - Poderá haver interdição em algumas praias da Ilha



Fonte: Jornal O Estado – 24 de novembro de 1974.

Florianópolis, que até a década de 1960 ficava atrás de outras cidades catarinenses, como Joinville, Criciúma e Lages, pela falta de estrutura urbana, deslancha em seu progresso, porém, de maneira irracional. Como bem relembra Leonora Portela em uma entrevista com

Esperidião Amin: “[...] enquanto Joinville arrecada, mensalmente, 16 milhões com ICM, Florianópolis, que é a capital, consegue minguados 2 milhões. Devido a isto, ostenta um modesto sétimo lugar entre os 197 municípios de Santa Catarina”.⁶³

Não podendo competir com as vizinhas Criciúma, Joinville e Blumenau, centros de uma indústria forte, os políticos adotaram a ideia que mais crescia no mundo: desenvolver o município pelo viés do turismo, da indústria turística. O setor prometia crescimento e oferecia a perspectiva de modernização, imprimindo um caráter mais cosmopolita, menos “provinciano”⁶⁴ aos hábitos e costumes locais. Seu grande atrativo eram as belezas naturais e as praias paradisíacas. Só faltava, para isso, equipar a cidade para o novo contingente de turistas e moradores que estavam chegando. Melhorar a estrutura da cidade demandava, especificamente, captar mais recursos do turismo.

Durante o mandato de Acácio Garibaldi Santiago (1966-70) - último prefeito eleito antes de o regime militar suspender as eleições para os prefeitos das capitais -, essa preocupação em preservar a cidade se deu de forma mais efetiva. Ecologia e turismo precisavam ser o carro-chefe que iria nortear o desenvolvimento da Ilha de Santa Catarina. Apesar da vontade explícita em “enterrar” o provincianismo do município, era necessário que a urbanização entrasse em consonância com a preservação ambiental.

Os estudos de desenvolvimento realizados durante o seu mandato deram origem ao Plano Diretor de 1976, elaborado para legitimar as ações e amenizar os problemas ocasionados pela intensa urbanização florianopolitana. Conforme nos mostra a historiadora Verônica Orlandi, além da aprovação desse plano em 1976, também foram apresentados projetos de lei, posteriormente, cujo intuito era bem atender ao turista:

A preocupação com a organização da cidade para receber os turistas se apresenta também em projetos de lei, onde é alterado o zoneamento de uso e ocupação do solo na área que compreende a praia de Canasvieiras, definindo o uso de uma “área turística exclusiva (que) deverá destinar 70% para o estacionamento de *trailler* e *motorhomes*, com todos os equipamentos e instalações complementares necessárias, e os 30% da área remanescente, exclusivamente a equipamentos de lazer.”⁶⁵

⁶³ ASSIS, Leonora Portela de. **Planos, ações e experiências na transformação da pacata Florianópolis em capital turística**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. p. 25.

⁶⁴ Uso o termo ‘provinciano’, em oposição aos “de fora”, expressão muito usada no livro de Márcia Fantin (Cidade Dividida). A oposição aos “de fora” serviu, inclusive, como discurso de campanha para a prefeitura de Florianópolis em 1996. De um lado, Angela Amin, da coligação Força Capital, com uma tentativa de apropriação simbólica nativa, e, de outro, o candidato da coligação Força Popular, caracterizado como “estrangeiro”, “do contra”. O processo eleitoral que resultou desta xenofobia deu visibilidade a uma cidade dividida, processo do qual os “amigos de Florianópolis” saíram vitoriosos.

⁶⁵ ORLANDI, Verônica Pereira. **Uma cidade em transformação: modernização da cidade de Florianópolis durante a elaboração do plano diretor de 1976**. Monografia (Graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. p. 45.

Era necessário, porém, algo mais que um plano diretor. Assim, no dia 24 de março de 1977, Esperidião Amin, que governou o município de 1975 a 1978, criou o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (Ipuf) para legitimar e consolidar as propostas de planejamento urbano da capital, visto que a construção civil na Ilha cresceu 700% durante a década de 1970.⁶⁶

Foi nomeado como seu primeiro responsável Francisco de Assis Cordeiro, que, mais tarde, iria assumir a administração de Florianópolis na sucessão de Amin. Dentre as principais funções do novo órgão, estavam a promoção de estudos para o planejamento da região, a elaboração de leis e projetos administrativos com vistas ao crescimento ordenado da cidade e a atualização e consolidação do Plano Diretor de Florianópolis, já aprovado em 1976.⁶⁷ Ligações clandestinas de esgotos nas águas pluviais eram uma constante; para isso, foram criadas medidas. Utilizando o slogan “Planejar para impedir o erro”, Cordeiro propunha como solução a conscientização da população e o trabalho de lacres em esgotos clandestinos e a instalação de fossas sépticas nas residências.

Depois do *boom* dos anos 1970, foi apenas nos anos 1980 que a capital de Santa Catarina passou a se intensificar. Como bem escreveu Reinaldo Lohm:

Florianópolis entrou na década de 1970 ainda preparando anualmente as procissões religiosas, agora cercadas pelos edifícios mais altos. Os sinos da catedral continuariam a reger muitos dos ritmos existentes na cidade. Mas não só uma nova fisionomia estava sendo construída, mas novos projetos sociais e individuais engendrariam projetos culturais, a partir das quais seriam construídos os horizontes de expectativas e os novos futuros possíveis.⁶⁸

Francisco de Assis Cordeiro deixou o Ipuf. Assumiu a administração de Florianópolis (1979-83) e manteve sua posição preservacionista com o intuito de consolidar o planejamento urbano ligado ao discurso ecológico.⁶⁹ No final da década de 1980, a cidade apresentava grandes mudanças relativamente à década anterior, ou seja, comportamentos que antes não eram normais para os habitantes da Ilha passaram a ser corriqueiros. E aí, fica o questionamento: como essas mudanças impactaram as relações de gênero e as representações sobre as mulheres?

Com o intuito de reformular, num todo, o meio urbano e estender a "civilização" que se almejava para toda a sociedade, a elite florianopolitana, que detinha o poder econômico e político, se viu na necessidade de remover os "entraves sociais" que impediam tal desenvolvimento.⁷⁰ Para isso, foram criadas imagens de pessoas e condutas ideais, processo

⁶⁶ ASSIS. **Planos, ações e experiências...** 2000. p. 69-83.

⁶⁷ Id., *ibidem*.

⁶⁸ LOHM. **Pontes...2002...**p. 422.

⁶⁹ ASSIS. **Planos, ações e experiências...** . 2000.

⁷⁰ PEREIRA, op. cit. Esboços: hist. ..., v. 1, n. 1. 1994. p. 29.

este que já se havia iniciado no final do século XIX. Essa nova máquina político-administrativa trouxe para a cidade novas imagens, proferiu novos discursos, descobriu novos valores e determinou outras práticas que iriam afetar diretamente o comportamento da população (dos antigos e novos moradores) e dos turistas que haveriam de chegar à cidade. Por sua relevância, a este assunto será dedicado o próximo capítulo.

2 FLORIANÓPOLIS NAS PÁGINAS DOS JORNAIS

Ao pensar a cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, qual a imagem de cidade que temos e até que ponto tal imagem corresponde ao que se veiculava na televisão e nos jornais? Se partirmos da ideia de que as cidades emitem sinais, ou ecoam múltiplos sons, podemos vislumbrar uma capital que tem muito a nos dizer. Como escreve Canevacci:

A cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisões cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra. Estou convencido que, por meio da multiplicação de enfoques – os “olhares” ou “vozes” – relacionados com o mesmo tema, seja possível se avizinhar mais à representação do objeto de pesquisa, que é, neste caso, a própria cidade.⁷¹

Existe um momento de mudanças significativas na história de Florianópolis, nos quais a cidade claramente se divide em duas temporalidades, de cidade pequena, pacata, que se prepara para a chegada dos novos moradores e turistas, e a outra, a que passa a se modernizar. Desde a sua fundação até as décadas de sua urbanização, nos deparamos com algumas construções sociais e políticas bastante emblemáticas. Até a década de 1960, a cidade vivia sob os resquícios de uma província; já a partir das décadas subsequentes, passou a adquirir contornos diferentes daqueles vistos e vividos até então.

Em meados da segunda metade do século, o mundo passava por uma fase áurea do capitalismo pós-Segunda Guerra Mundial. O “milagre econômico” da ditadura contribuiu muito com a urbanização e a expansão da construção civil na Ilha. “Florianópolis seguiu o novo modelo nacional e se inseriu na era do progresso e de novas possibilidades de acesso a padrões de consumo e de desenvolvimento.”⁷² A cidade passou a ser pensada sob um prisma racional. Higienistas, médicos e engenheiros são os atores e promotores desta mudança.⁷³ Este conjunto de mudanças preparava Florianópolis para se tornar a cidade turística das próximas décadas. Para isso, a capital de Santa Catarina precisava encontrar um local apropriado, distante dos olhos dos turistas, para as populações pobres, as prostitutas e os trabalhadores informais. .

O desenvolvimento do turismo no Brasil se deu a partir do Estado e da iniciativa privada. Com o lançamento do plano de ações e metas em 1956, se formalizou e sistematizou o turismo

⁷¹ CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993. p. 18.

⁷² ACORDI; FREIRA. Florianópolis.... In: **Florianópolis no Tempo Presente** ...2011, p. 54.

⁷³ CAMPOS, Emerson César de; FLORES, Maria Bernadete Ramos. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). **Revista Brasileira de História** (Dossiê Cidades), São Paulo, v. 27, n. 53, 2007. p. 267-296; 269.

no Brasil.⁷⁴ Segundo o estudioso Patrick Mullins,⁷⁵ que cunhou pela primeira vez o termo “*Tourism Urbanization*”, as cidades urbanizadas a partir desse foco seguem um padrão e apresentam pelo menos sete características em comum:

- 1) social e espacialmente diferentes, pois não têm pólos industriais e centram sua economia no comércio e na prestação de serviços;
- 2) apropriação de símbolos e/ou imagens, principalmente ligados a atrativos naturais, diferenciando-os do *design* urbano das grandes cidades;
- 3) rápido crescimento populacional a partir da implantação de infraestrutura viária e do incremento da atividade turística, resultando num expressivo aumento populacional entre as décadas de 1970 e 80;
- 4) flexibilização da produção, por ter sua economia centrada em atividades como comércio, serviços, turismo e construção civil;
- 5) intervenção do Estado como um impulsionador do desenvolvimento urbano e turístico;
- 6) consumo de massa, tendo em vista que em certas épocas do ano o número de turistas é 17 vezes maior que o de habitantes;
- 7) população residente socialmente distinta, ou seja, nessas cidades turísticas, os habitantes residiam em áreas localizadas fora dos eixos de grande circulação e de maiores investimentos, além de ficarem à margem da estrutura social urbana.

Reafirmando o que disse Mullins, a urbanização turística é uma das expressões mais marcantes do fenômeno turístico na atualidade. A geógrafa Maria Tereza Luchiari⁷⁶ afirma que “algumas cidades chegam a redefinir toda a sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico, reorganizando-se para produzir paisagens voltadas para o consumo e o lazer”, como podemos observar em Florianópolis a partir dos anos 1970.

Quando Esperidião Amin foi nomeado para o cargo de prefeito de Florianópolis, em 20 de setembro de 1975, a cidade vivia uma grave crise financeira, que colocava em xeque sua posição como capital, visto que outras cidades catarinenses questionavam a baixa arrecadação de ICM, que não passava dos 2 milhões mensais. A maneira que o governo encontrou para

⁷⁴ SOUZA, Jackson Jonar Silva. **Modernização, desenvolvimento turístico e exploração sexual de crianças e adolescentes no âmbito federal e no estado de Alagoas**: uma análise documental. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2015. p. 47.

⁷⁵ MULLINS, Patrick. Tourism Urbanization. *International Journal of Urban Regional Research*, v. 15, n. 3, set., p. 326-342, 1991.

⁷⁶ LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **Urbanização turística**: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: Funece, 1998, v. 2, p. 15-29.

acabar com a crise financeira então enfrentada foi investir cada vez mais no turismo. Para isso, foi necessário melhorar a infraestrutura urbana, para, assim, oferecer mais conforto aos turistas que chegavam.⁷⁷ Segundo o historiador Reinaldo Lohn, “a afirmação do turismo como vocação ‘natural’ de Florianópolis foi um processo de construção histórica e política que ordenou e configurou uma cidade.”⁷⁸

Diversos atores entram nesse cenário. Enquanto as conversas informais nos botequins e os jornais enfatizavam o lado provinciano da cidade, havia, ao mesmo tempo, um apelo à lógica turística. Ao tempo em que se preconizava o alargamento dos costumes para melhor atender aos turistas que chegavam, por outro, ainda se vivia sob um regime ditatorial como cenário mundial em que os defensores da província encontravam terreno fértil para se opor ao afrouxamento dos costumes na ilha. Podemos aqui citar as mudanças nas sociabilidades, nas liberdades individuais, etc.

Assim combinada e articulada às representações de “província” e de “metrópole”, surge uma série de noções e imagens sobrepostas: “cidade moderna”⁷⁹ ou “cidade atrasada”, “comunidade” ou “sociedade”. Mas, ao lidar com este tema, a principal discussão é entre o que diz respeito à “cultura da cidade” e ao imaginário que se produzia da cidade. Trata-se da temática em torno do provincianismo e cosmopolitismo.⁸⁰

A noção de provincianismo *versus* cosmopolitismo remete, antes de mais nada, ao modo de vida, aos costumes e hábitos de uma sociedade. Quando se fala que uma sociedade tem “jeito provinciano”, logo se remete a um lugar tranquilo, aconchegante, o oposto de cidade grande, heterogênea ou cosmopolita. Voltando o olhar para Florianópolis, o fato de ela ser por muitos considerada, nos anos 1970, uma cidade provinciana, acabou sendo um atrativo turístico por remeter à imagem de cidade do interior, com hábitos nativos, cultura açoriana, e até mesmo, por sua arquitetura, às ruas do calçadão, ao Mercado, etc. Em contrapartida, ao mesmo tempo que ostentava estas características provincianas, foi se apercebendo, aos poucos, da necessidade de desenvolver um espírito cosmopolita, justamente pela crescente urbanização e chegada de um contingente populacional que, lentamente, foi modificando seu jeito de província.⁸¹

⁷⁷ ASSIS.. **Planos, ações e experiências...** 2000.

⁷⁸ LOHN. **Pontes...2002...**p. 21.

⁷⁹ O conceito de modernização aplicado a este estudo é pautado em uma nova configuração urbana em Florianópolis, que desencadeou o debate sobre provincianismo *versus* cosmopolitismo. O caminho da modernização não foi só de ordem administrativa, índice populacional ou sua condição, mas especialmente, de mudança na cultura urbana.

⁸⁰ FANTIN. **Cid. Div.** ... 2000. 24.

⁸¹ Id., *ibid.* 2000. p. 197.

Importante pensar que a noção de província é ambígua e remete a significados multifacetados. Ao tempo em que exprime uma conotação negativa, também pode exprimir uma conotação positiva. Segundo Dalmo Vieira Filho, superintendente do Iphan/SC, em entrevista concedida a Márcia Fantin,⁸² “Florianópolis não possui instituições suficientes para retirar da cidade a condição de provincianismo, isto é, não é um polo cultural, nem comercial, nem empresarial; ela sempre teve importância secundária no contexto nacional”.

Dessa forma, ser província exprime uma conotação negativa quando remete à ideia de atraso e ignorância frente às grandes capitais do País, como São Paulo e Rio de Janeiro. Por outro lado, exprime uma noção de aconchego e tranquilidade; remete a imaginação das pessoas a lugarejos com laços comunitários e amigáveis, longe da violência e dos problemas urbanos. Por isso, deve-se pensar que “ser uma província urbana” se tornou um diferencial de Florianópolis. O que a distinguiu das demais era o fato de ser uma cidade em processo de mudança para o cosmopolitismo, mas que ainda conservava, em seu âmago, características provincianas.

Florianópolis possui tantos adjetivos que torna difícil a tentativa de os arrolar. Mas, pensando nos meados da década de 60, como um *flâneur* definiria seu *ethos*? “Há uma relação tensa entre lugar e identidade que precisa ser pensada, em vez de negada ou ignorada.”⁸³ E é a essa produção de imagens identificadoras, performáticas, que nos devemos ater. Os que chegavam a Florianópolis percebiam particularidades que, nas palavras de Canevacci,⁸⁴ “um olhar domesticado não percebe”. Nas primeiras décadas do século XX, ocorreu em quase todos os países latino-americanos, com diferentes intensidades, uma explosão demográfica e social cujos efeitos não demoraram a ser observados.⁸⁵ Em Florianópolis não foi diferente. A chegada dos novos moradores e turistas foi mudando vertiginosamente o espaço geográfico e cultural da cidade.

A cidade foi crescendo e, junto com isso, foram aparecendo os problemas. Os serviços públicos foram se tornando deficitários, as distâncias mais longas, o ar mais impuro, o trânsito caótico, entre outros. Desta maneira, “a sociedade normalizada viu os recém-chegados não apenas como forasteiros, mas também como inimigos.”⁸⁶ Com isso, foi-se criando um

⁸² FANTIN. *Cid. Div.* ... 2000. p. 194.

⁸³ CAMPOS, Emerson César de; Flores, Maria Bernadete Ramos. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). *Revista Brasileira de História* (Dossiê Cidades), São Paulo, v. 27, n. 53, p. 271.

⁸⁴ CANEVACCI. *A cid. polif.*...1993. p. 17.

⁸⁵ ROMERO, José Luis. *América latina: as cidades e as ideias*. RJ: UFRJ, 2004. p. 356.

⁸⁶ Id., *ibid.*, p. 368.

sentimento de indignação em relação aos novos moradores da capital, visto que os nativos atribuíam a eles a culpa pelas transformações em andamento, como observa Romero:

Logo se observou que a presença de mais pessoas não representava apenas um fenômeno quantitativo, mas uma mudança qualitativa. Significou substituir uma sociedade unida e compacta por outra dividida, na qual dois mundos se confrontavam.⁸⁷

A chegada dos “de fora”,⁸⁸ especialmente a partir da década de 1960, ocasionou alguns conflitos entre o que se pode chamar de “estabelecidos” e os “outsiders”.⁸⁹ Eram divergências de opinião em vários âmbitos. Os “estabelecidos” seriam os antigos moradores, detentores de costumes e tradições perpetuadas por gerações; já os “outsiders” seriam os novos moradores que traziam consigo novas atitudes, estas vistas com estranhamento pelos nativos.⁹⁰

Aqui começa uma nova disputa política entre os “de fora” e a figura do nativo. Os nativos alegavam que o contingente de pessoas que chegaram desde a década de 1970 vinha alterar o modo de vida ilhéu, seus costumes e tradições, impondo culturas mais “arrojadas e expansionistas”, e que era preciso proteger-se da extinção de seus costumes e tradições. Para os moradores locais, a chegada dos migrantes contribuiu para a decadência do lugar, por conta de novas características que favoreciam o desaparecimento da cultura da Ilha, conforme observa Fantin,⁹¹ confirmado por Serpa, em “*O espaço público na cidade contemporânea*”:

Buscar uma ideia de cultura que abarque as representações e práticas sociais das classes populares nas cidades contemporâneas, evidenciando as características e as possíveis peculiaridades das manifestações culturais populares parece, a princípio, tarefa ingrata e complexa, num momento de transformações evidentes da paisagem, da cidade para o consumo turístico.⁹²

Tentar delimitar uma cultura ilhoa seria deixar de lado anos de mudança cultural e simbólica. Os traços açorianos foram se moldando e adquirindo novos contornos ao longo dos anos e a cidade começou a se mostrar um lugar no qual se poderiam pensar algumas significativas transformações. A cidade foi se transformando em produto tanto material quanto simbólico quando elementos espaciais foram disponibilizados para uso turístico e tiveram sua dinâmica transformada para atender às visitas e, assim, assumir “um papel relevante na

⁸⁷ ROMERO. *América lat...* 2004., p. 356.

⁸⁸ FANTIN. *Cid. Div.* ... 2000. p. 38.

⁸⁹ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

⁹⁰ Em Winston Parva, como em outros lugares, viam-se membros de um grupo estigmatizando os de outro, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo (ELIAS, 2000, p. 23).

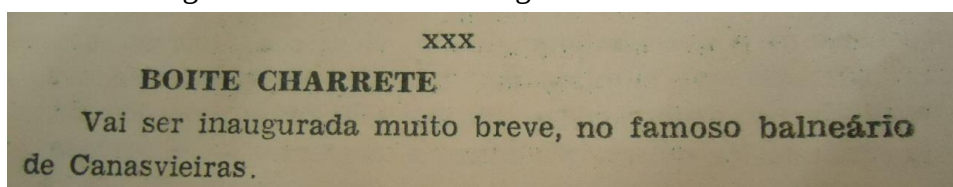
⁹¹ FANTIN. *Cid. Div.* ... 2000. p. 180-194.

⁹² SERPA, Angelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2007.p. 141

produção e transformação do espaço e, portanto, na construção e transformação de imaginários coletivos”.⁹³

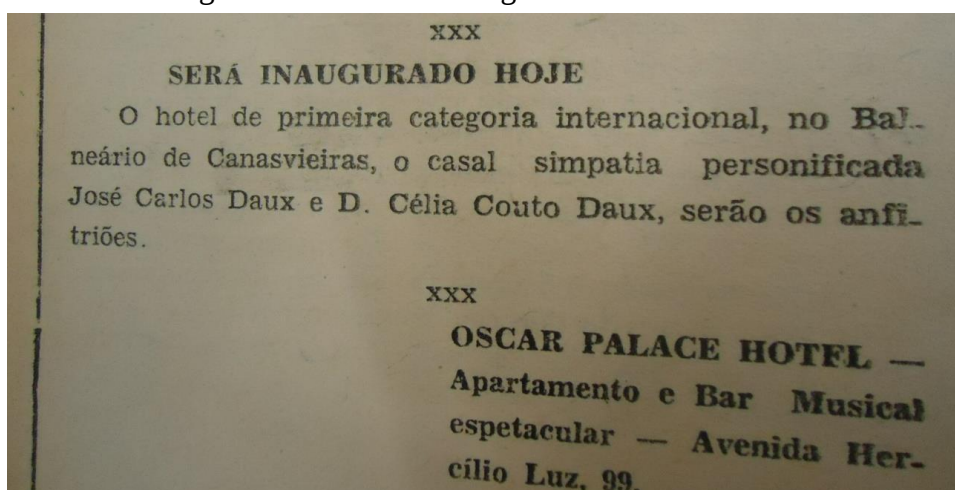
As mudanças vivenciadas a partir da década de 1970 foram narradas pela imprensa e seus habitantes como um momento de ruptura com o passado, e isto se refere, em grande parte, aos novos comportamentos que foram sendo introduzidos e acolhidos no local. O acesso às praias de Jurerê e Canasvieiras facilitou muito o processo imobiliário nas praias. No entanto, o turismo baseado em praias já não era suficiente para atrair correntes permanentes de turistas. Estes alegavam falta de atrativos. Era preciso mais. É nesse contexto que aparece a abertura de boates, hotéis, pousadas, farmácias e supermercados. Inclua-se, dentre as novidades, a inauguração do primeiro motel da cidade, com o intuito de beneficiar os que estavam chegando e os que ali já estavam estabelecidos.

Figura 7 - Boite vai ser inaugurada em Canasvieiras



Fonte: Jornal A Gazeta – 3 de fevereiro de 1974.

Figura 8 - Hotel será inaugurado em Canasvieiras



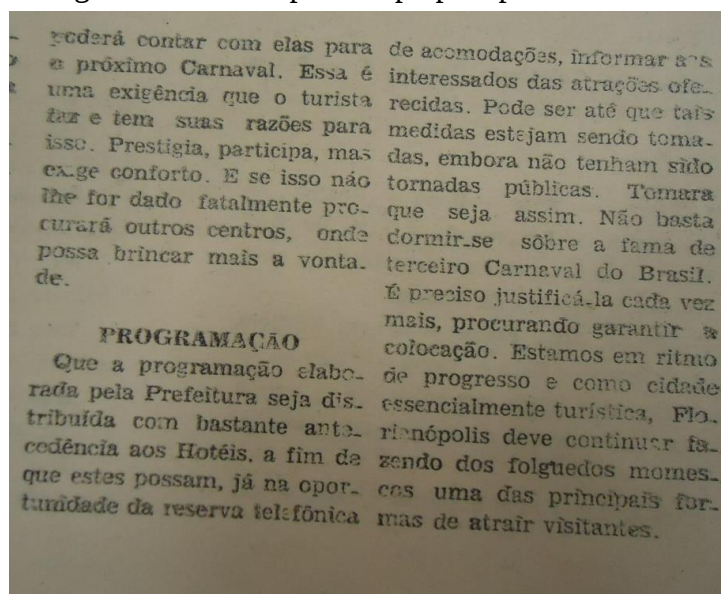
Fonte: Jornal A Gazeta – 25 de janeiro de 1974.

⁹³ MOURA, Rosa. O Turismo no Projeto de Internacionalização da Imagem de Curitiba. **Turismo – Visão e Ação**. v. 9, n. 3. p. 341-357, set./dez. 2007.

Na década de 1970, a propaganda turística passou a investir com força na oferta de bens e serviços. Os discursos nos meios de comunicação apontavam a cidade de Florianópolis como um lugar turístico em ritmo de progresso (como se pode verificar na figura 9). Analisando as reportagens jornalísticas utilizadas no presente texto, podem-se estabelecer ligações entre a urbanização da cidade, os apelos para o turismo e a aceleração da “ocupação” por empreendimentos imobiliários, além de novos espaços de lazer para turistas e a população da cidade.

Até mesmo o carnaval florianopolitano servia como atrativo para a promoção da cidade pelos jornais. Neste sentido, é interessante observar a forma como o jornal “A Gazeta” (Figura 9) constrói imagens representativas sobre o carnaval na cidade: “Não basta dormir-se sobre a fama de terceiro Carnaval do Brasil. É preciso justificá-la cada vez mais [...]. Estamos em ritmo de progresso e como cidade essencialmente turística, Florianópolis deve continuar fazendo dos folguedos momescos uma das principais formas de atrair os visitantes”.⁹⁴

Figura 9 - Florianópolis se prepara para o carnaval



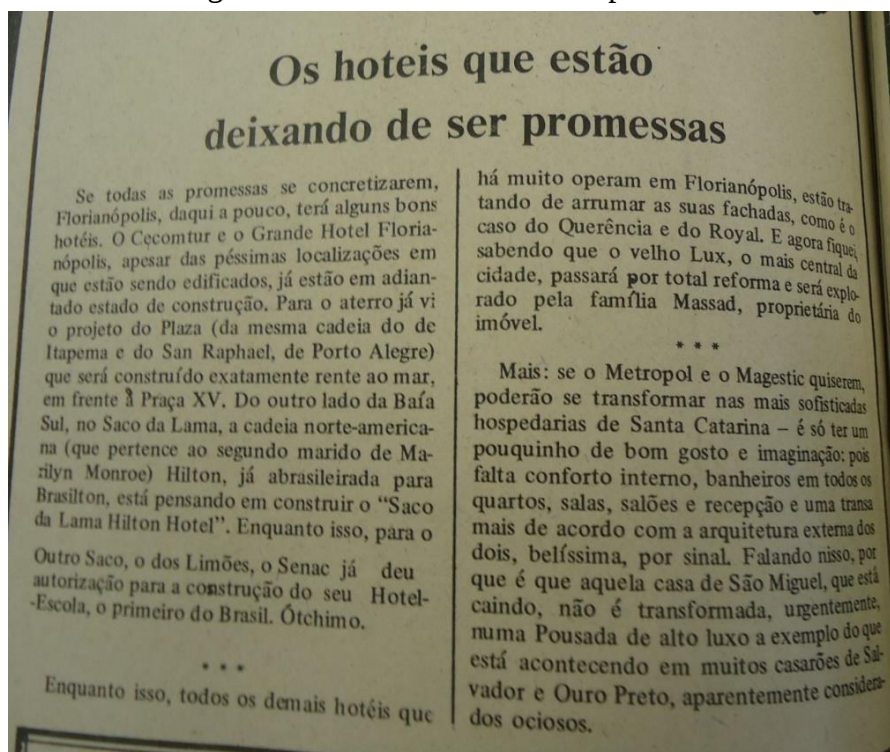
Fonte: Jornal A Gazeta – 1º de janeiro de 1974.

A evocação refere-se a um carnaval “tradicional” feito na cidade, que legitimava o título de “terceiro carnaval do Brasil”, por isso era necessário que os hotéis se preparassem com

⁹⁴ JORNAL A GAZETA – 1º de janeiro de 1974.

antecedência para alojar o grande contingente de turistas que chegavam para curtir a festa na Ilha (Figura 10).⁹⁵

Figura 10 - Hotéis deixam de ser promessa



Fonte: Jornal O Estado – 19 de outubro de 1974.

É importante salientar que as mudanças ocasionadas em Florianópolis perpassam os contornos geográficos – afinal, ter uma representação de um mapa de Florianópolis não coincidirá nunca com seu território - e invadem intimamente os costumes da sociedade. Todo esse panorama de mudanças desemboca também nas relações sociais. Um objeto interessante deste tema são as representações associadas ao corpo feminino.

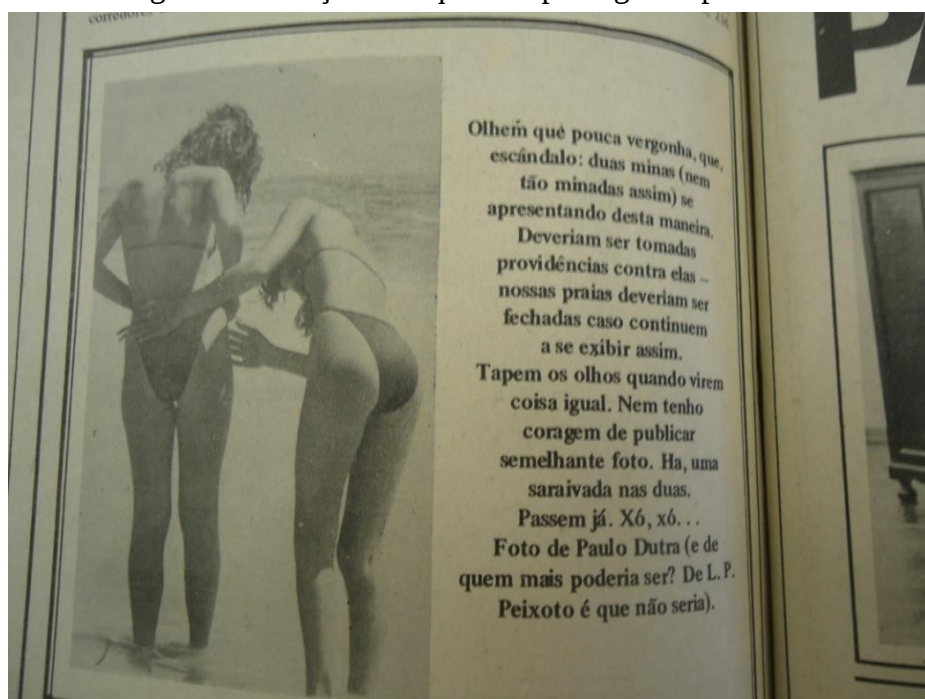
No Brasil como um todo, a construção do discurso turístico se dá em torno do clima tropical, do carnaval e da sensualidade da mulher brasileira. Nos jornais catarinenses, esta construção não é diferente. No momento em que Florianópolis passa a se tornar um polo de atração turística em função de suas praias, novos hábitos começam a ser registrados pelos jornais. Por exemplo, fotos de turistas que perambulam pelo centro da cidade em trajes de banho.⁹⁶

⁹⁵ LUNARDELLI, Daniel. A "Cidade Milagre": Novos contornos de uma Florianópolis em vias de modernização. **Cadernos NAUI**, v. 2, n. 2, jan./jun. 2001. p. 72.

⁹⁶ LUNARDELLI, Daniel. **O "topless" está aí! Mudanças de hábitos nas praias de Florianópolis em fins da década de 1970**. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, 2013.

Na década de 70, como já mencionado, a Ilha de Santa Catarina ainda carregava em seu bojo a imagem de cidade provinciana, religiosa e “de respeito”. Comportamentos que transgredissem ou afrontassem esse padrão eram vistos a “olhos tortos” pelos conservadores (Figura 11). Quando observamos uma notícia como a que se segue, observamos como ela nos remete ao início do século XX, quando as mulheres, em Florianópolis, eram vigiadas e punidas conforme a moral vigente à época. Moral esta que foi posta à prova por muito tempo, sob olhos hipócritas de homens de famílias tradicionais burguesas, que pregavam uma ética restrita somente a seus ideais.⁹⁷

Figura 11 - Moças de biquíni na praia geram polêmica



Fonte: Jornal O Estado – 31 de outubro de 1974.

Nesta imagem da década de 1970, fica evidente como o uso de biquínis ainda dividia opiniões. Aqui se cria um paradoxo, pois, ao tempo em que estes novos comportamentos estavam causando estranhamento junto aos antigos moradores da Ilha, é muito fácil encontrar nos jornais do período em questão campanhas massificadas para atrair um maior número de turistas, que transformavam Florianópolis de uma cidade pacata em um lugar paradisíaco e erótico, com menininhas de biquíni bronzeando seus corpos na luz do sol, em alguma das suas dezenas de praias.

⁹⁷ PEREIRA, op. cit., p. 30.

Tentar dissociar a imagem do contexto histórico e analisá-la a contrapelo é dar visibilidade aos “*goznes*”, ou seja, às dobras que escondem a história e aos sujeitos que estão por trás. Desta forma, o historiador tem que construir uma história de rupturas - salto do tigre⁹⁸ - e não uma história linear. As imagens têm esse papel quando exigem que o espectador as olhe de forma descontínua, transformando-as em ativas, e não mais em passivas.

Ao pensar as imagens como protagonistas, percebemos nas fotografias em questão que são fotografias de mulheres de biquíni, quase na sua totalidade, na praia.

Como lembra o historiador Sérgio Ferreira, a praia nem sempre foi nesta ilha um espaço de lazer e sociabilidade. É só a partir da década de 1930 que o banho de mar estará associado ao ócio. Isso não exclui hábitos de banhos em períodos anteriores. O que está focalizado nesta mudança é a procura em massa pelo banho de mar. Portanto, o mar, que antes era visto como lugar de despejo, adquire um novo sentido e valor. Essa mudança se faz necessária para que uma elite local amplie seu poder político e econômico.⁹⁹

Como nos informa Sérgio Luiz Ferreira,¹⁰⁰ foi necessário um grande investimento por parte dos jornais para que o mar fosse considerado local de lazer, passível de banho e utilização comum. A partir deste momento se faz necessário dissociar a orla marítima. Até então utilizada para o trabalho, agora passaria a se destinar ao lazer. Como bem retratou Suzana Bitencourt em seu trabalho sobre o turismo em Florianópolis, os moradores da praia de Canasvieiras foram enfáticos ao falar das mudanças ocorridas durante as décadas de 1970 e 1980. As moças passaram a adotar novos hábitos, novos tipos de vestimentas, inclusive trajes de banho, quando, antes, nem sequer passeavam na praia, já que antes, ela, a praia, estava associada somente ao público masculino e à pesca. “Essa nova maneira de olhar para o território da praia inaugurou novas formas e influenciou as relações sociais.”¹⁰¹ Trazer imagens de mulheres de biquíni nas praias nas páginas dos jornais fazia parte, agora, de um novo *ethos* social. Buscava-se, inclusive, imitar os hábitos e o modo de vida no Rio de Janeiro, como ir à praia, fazer piquenique, coisas que, então se considerava, faziam parte do ser civilizado.

A partir disso, levantam-se alguns questionamentos: O que estas fotografias podem nos informar sobre o momento em que elas foram feitas? O que configura, para as relações de gênero, mulheres de biquíni no final do século XX, em plena efervescência do movimento feminista, de contracultura no Brasil, etc? Por que em todas as imagens selecionadas as

⁹⁸ LISSOVSKY, Mauricio. **A fotografia e a pequena história de Walter Benjamin**. Dissertação (Mestrado) - Escola de comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

⁹⁹ LUNARDELLI. A “Cidade Milagre”... **Cadernos NAUI**, v. 2, n. 2, jan./jun. 2001.

¹⁰⁰ FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina** - Florianópolis: Ed. das Águas, 1998. p. 38.

¹⁰¹ BITENCOURT, Suzana. **Castelos de areia: o turismo de litoral em Florianópolis (1930-1980)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. p. 129.

mulheres são jovens, brancas e estão “em forma”? Qual o padrão de comportamento que as imagens nos transmitem? Quem está por trás das fotos? Quem as fotografou? Qual o propósito dos jornais em veicular tais imagens? Como foram recebidas pelos leitores tais fotografias?

Estas imagens de jornal são um gatilho para se pensar além da história de Florianópolis. Elas nos levam a incluir também a história das mulheres ao longo das últimas décadas sob o espectro das relações patriarcais e de masculinidade hegemônica.¹⁰² Mesmo totalmente dissociada do contexto histórico em que elas circularam, qualquer indivíduo poderia chegar a estas conclusões primárias.

[...] interessa à História analisar: os processos conflitivos através dos quais os significados se estabelecem, as maneiras através das quais conceitos como gênero adquirem a aparência de fixidez, as contestações que ocorrem às definições sociais normativas e ainda as respostas a essas contestações. Em suma, interessa saber como se dá o jogo de forças presentes na construção e implementação de significados em qualquer sociedade.¹⁰³

Figuras 12 e 13 - Haverá condições de frequentar as praias hoje?



Fonte: Jornal O Estado - 24 de Novembro de 1974.

¹⁰² A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas, certamente, ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem; ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. Ver: CONNELL, R. W., & MESSERSCHMIDT, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21, p. 241-282.

¹⁰³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990. p. 16-17.

O contingente que vem de fora se enche dessas representações e explora a Ilha dentro deste contexto, que vai sendo estimulado a tornar a cidade cosmopolita.

A partir destas imagens, podemos provocar uma problematização: quem eram as garotas que frequentavam as praias e que praias foram escolhidas para serem fotografadas?

Figura 14 - A bondosa natureza



Fonte: Jornal O Estado – 21 de fevereiro de 1974.

Nas palavras do historiador Reinaldo Lohn: “A investigação nos jornais forneceu uma importante base de reflexões no que diz respeito à difusão cotidiana de discursos, imagens e representações [...] Nos jornais da época, as ambiguidades da cidade são muito marcantes”.¹⁰⁴ É exatamente sobre estas ambiguidades que eu quero chamar a atenção, pois, ao passo que Florianópolis ainda mantinha resquícios de uma província, ela foi abrindo caminhos para a imagem de uma cidade turística, imagem que pretendia consolidar.

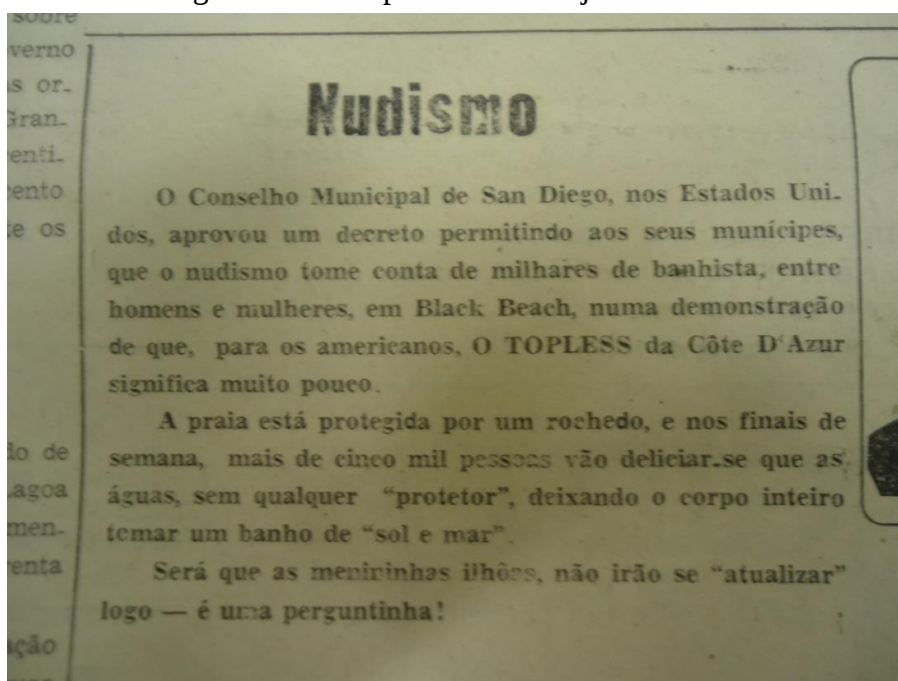
¹⁰⁴ LOHN. *Pontes...2002...*p. 10.

Ao final da década de 1960, a venda de biquínis - acessório criado pelo francês Louis Réart em 1946 - aumentou muito no Brasil, enquanto o seu tamanho diminuía. Inspirado em grandes atrizes, como Marilyn Monroe e Brigitte Bardot, os biquínis se popularizaram cada vez mais. No verão de 1968, durante o carnaval, Nelson Rodrigues meditava:

Ainda hoje passei pela Avenida Atlântica; fiz o itinerário obrigatório do Forte ao Leme. Vi, várias vezes, esta cena: – uma menina linda, de biquíni, comprando um refrigerante na barraquinha. O crioulo destampava a garrafinha. Estava ali, por certo, um dos brotos mais lindos da terra. Mas aquela nudez, dentro da luz, não interessava a ninguém. A garota vinha do mar. E ela, na graça inconsciente do seu gesto, bebia pelo gargalo. O crioulo do grapete não lhe fazia a concessão de um olhar. Nenhuma curiosidade. Olhava para o outro lado e era cego, surdo e mudo para a nudez adolescente, tão próxima, tão tangível. Eis o que eu queria dizer: – as duas coisas seriam impossíveis no velho carnaval. Nem a nudez da menina, nem o tédio do homem. Lembrei o biquíni porque nunca a mulher se despiu tanto para os quatro dias. Nos bailes, nas esquinas, nas calçadas, há uma nudez indiscriminada e obsessiva. E vem um cruel tédio visual de tantos nus absurdos.¹⁰⁵

Nelson divagava com nostalgia sobre os tempos em que as mulheres tinham pudor e a sociedade, o controle sobre seus corpos. Mesmo que os órgãos públicos proibissem o uso de roupas de banho, com certeza haveria pressão popular.

Figura 15 - O Topless nos EUA já é realidade



Fonte: Jornal O Estado – 10 de outubro de 1974.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://historiahoje.com/nudez-biquinis-e-topless-seria-o-fim-da-seducao>. Acesso em: out. 2020.

O “topless”, que até a década de 1970 consistia em uma prática apenas das praias estrangeiras, começou a aparecer também em Florianópolis. Mesmo sendo “*o topless uma depravação*”, segundo o cardeal dom Vicente Scherer, a prática ia abrindo caminho, ainda que com extrema dificuldade.¹⁰⁶ As tentativas de institucionalização da prática foram “sumária e estupidamente rechaçadas por indignados e ofendidos banhistas conservadores”, reagem alguns jornais.¹⁰⁷

Como bem evidencia Lunardelli,¹⁰⁸ no dia 6 de janeiro de 1980, O Estado publicava a carta do leitor Pedro Cardozo, morador de Florianópolis, sob o seguinte título: “Mulher”. O leitor iniciava seu parecer sobre o fato de que, até aquele momento, o “topless” consistia numa prática mais comum na televisão ou no cinema. No entanto, algo estava mudando:

Agora, nesta indefinível transição de década, quando a violação de direitos internacionais não é mais espanto, já são deslumbrados a olho nu em nossas praias, embora tímidos, a lagartear por sobre as pedras, bronzeados, refletindo ao sol. Freneticamente soltos na vida. Mas, com certeza, irão se multiplicar como vírus. Seu balance descer e habitar a orla mais agitada. E no abafo, colaborar para esticar a fila dos cardiologistas e geriatras.¹⁰⁹

Fica clara, nas palavras do leitor, a aclamada “atualização” das menininhas ilhoas de uma década para outra. O que constituía um objeto longínquo, de televisão, agora se tornava corriqueiro e até estava virando moda. Onze dias depois, o mesmo jornal estampava, na primeira capa, a foto de uma jovem saindo das águas da Joaquina com os seios à mostra:

A moda “top-less”, que ultimamente vem causando grandes transtornos para as autoridades encarregadas da manutenção da moral e dos bons costumes no país, foi lançada ontem na praia da Joaquina por uma estudante gaúcha. Apesar da preocupação das autoridades de que esta moda venha a “corromper a moral e as formas de proceder em locais públicos”, as pessoas que estavam na Joaquina, na tarde de ontem, na maioria argentinos, encararam o fato com grande naturalidade e Talma Fernandes, estudante de Medicina no Rio Grande do Sul, pôde deliciar-se tranquilamente nas frias águas da Joaquina sem a parte superior do seu biquíni.¹¹⁰

O apelo moral aparece novamente no discurso do jornal. Não podemos esquecer que, naquele momento, o Brasil ainda estava sob o regime da ditadura militar, muito embora caminhasse para a redemocratização com a Lei da Anistia, com greves, passeatas pela democracia, etc. Podemos até pensar que o *topless* da jovem era um sinal dessas mudanças. De

¹⁰⁶ Disponível em <https://historiahoje.com/nudez-biquinis-e-topless-seria-o-fim-da-seducao/> Acesso em: 16 out. 2020.

¹⁰⁷ LUNARDELLI, Daniel. O “topless” ... 2013.

¹⁰⁸ Id., ibid.

¹⁰⁹ O Estado. Florianópolis, 6/01/1980. Cartas. Mulher, p. 4.

¹¹⁰ O Estado. Florianópolis, 17/01/1980. Na praia da Joaquina, ontem, uma surpresa: o “top-less”, p. 16.

certa forma, o depoimento da jovem estudante rebate o machismo velado do leitor, que julgou o *topless* uma atitude de alienação:

Eu não vejo maldade nenhuma em mostrar o corpo. A descoberta do corpo é uma das grandes curtições da juventude no momento e isso não deve ser reprimido”, afirmava Talma quando saía da água, frente ao grupo de jovens argentinos que exclamavam: “No puede ser, eso es increíble.”¹¹¹

O periódico consultou o então secretário de Segurança e Informação, Ari Oliveira, sobre o caso do *topless*. Ele não soube responder se a prática estava ou não proibida no município. Mesmo assim, o jornal deu um enfoque moralista ao tema, o que pareceu uma resposta para boa parte de seus leitores conservadores, que desejavam preservar os costumes da cidade. Dessa forma, abria-se precedente para o questionamento: até que ponto a transformação da ilha catarinense em atração turística impulsionou as novas sociabilidades em geral?

2.1 RELAÇÃO ENTRE A MODERNIZAÇÃO E AS NOVAS SOCIABILIDADES

A partir do século XIX, o sexo tornou-se sigiloso e clandestino. A sexualidade, segundo Foucault, passou a ser segredo de confissão ou da ética médica e o assunto permaneceu ligado à transgressão, ao pecado, ao desvio padrão.¹¹² O quarto de dormir tornou-se o local mais íntimo e sigiloso da casa; a cama era tratada exclusivamente como local apropriado para o sono ou recolhimento de alguma enfermidade. O moralismo exacerbado provocou a corrida dos homens aos bordéis, que sempre existiram:

Apesar de a palavra bordel só ter surgido em 1609, os locais de prostituição acompanham toda a história da humanidade para proporcionar relações sexuais sem a necessidade da conquista [...]. Não era mais admissível que as mulheres possuíssem *boudoirs* porque deveriam permanecer em locais familiares, onde poderiam ver e ser vistas, estar vigilantes e serem vigiadas [...] as mulheres de boa família não encontravam lugar para suas sexualidades. Para os homens, ao contrário, sempre havia uma solução.¹¹³

Voltar um pouco ao histórico foi necessário para tentar entender a lógica que perpassou Florianópolis e o mundo. Como dito anteriormente, entramos no século XX com um moralismo exacerbado, herdado do século XIX. Assim como na Europa, no Brasil não foi diferente. O meu objeto de pesquisa se ateve unicamente a Florianópolis; por isso, é importante salientar que as mudanças ocasionadas nessa capital sobrepassam os contornos geográficos e também invadem intimamente a sociedade.

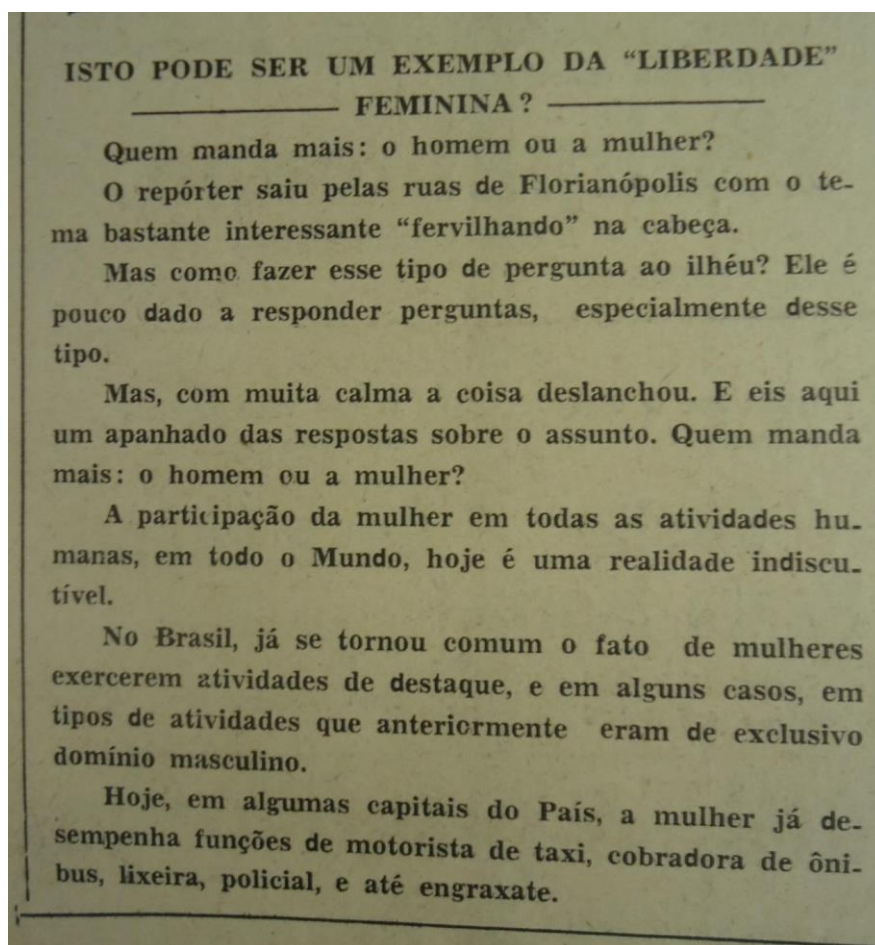
¹¹¹ O Estado. Florianópolis, 17/01/1980. Na praia da Joaquina....., p. 16.

¹¹² FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976

¹¹³ MALTA. Do *boudoir* ... **Rev. Esb**...., n. 19, p. 206.

No mesmo período em que Florianópolis estava consolidando a sua imagem de cidade turística e a “vocação” natural para o lazer, também estavam em voga, e em plena efervescência, o movimento feminista e a liberdade das mulheres e seus corpos. Uma reportagem do jornal O Estado, de setembro 1974, punha em xeque a questão da participação das mulheres em todas as atividades, perguntando se isso poderia ser considerado um exemplo da liberdade feminina.

Figura 16 - A participação da mulher em todas atividades aumenta em todo mundo



Fonte: Jornal O Estado – 01 de setembro de 1974.

Segundo Joana Maria Pedro,¹¹⁴ é na década de 1970 que o feminismo retoma o Brasil e é mais precisamente no ano de 1975 que os movimentos feministas ganham força. É neste momento que se populariza o uso da pílula anticoncepcional, que significou uma reviravolta no conceito de sexualidade e na possibilidade de sexo seguro sem estar necessariamente vinculado ao casamento.

¹¹⁴ PEDRO, Joana Maria. "Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)". **Revista Brasileira História**. v. 26, n. 52, São Paulo, dez. 2006. p. 363.

Até aquele momento, os discursos sobre a sexualidade apontavam para papéis prescritos para homens e mulheres, e o sexo era tratado como meio de reprodução. Para as mulheres, atributos da norma social orientavam seus comportamentos e lhes cobrava docilidade, maternidade, fidelidade, virgindade antes do casamento, ou condutas normatizadoras inscritas na cultura e nas relações de poder.

Neste sentido, a construção cultural do gênero masculino e do feminino naturalizam comportamentos. Segundo Joan Scott, “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.¹¹⁵ Os estudos feministas e de gênero têm rejeitado papéis fixos e biologicamente determinantes. As narrativas nos jornais analisados reforçavam essas representações sobre como as hierarquias de gênero eram construídas e legitimadas:

O uso da categoria de análise “gênero” na narrativa histórica passou a permitir que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero.¹¹⁶

A popularização do uso da pílula anticoncepcional proporcionou aos casais a possibilidade de manter relações sexuais apenas por prazer e não mais para fins de reprodução. As revistas, na década de 1970, passaram a divulgar a sexualidade como uma maneira de alcançar a “perfeita adequação sexual” como indicativo para a felicidade conjugal.¹¹⁷ Nesta década, houve o Ano Internacional da Mulher, em 1975, e a subsequente Década da Mulher (1975-1985) que, combinados com o importante avanço do Movimento Feminista, mexeram com os comportamentos, e as mulheres conquistaram maior autonomia sobre seu corpo e o prazer. De acordo com a historiadora Joana Maria Pedro:

[...] nos anos 70, o ritmo das transformações na maneira como as novelas representam os tipos ideais de mulher, de relações amorosas e de estrutura familiar acelerou-se. O privilégio do beijo seria rapidamente substituído por uma liberalização crescente das novelas, que adentraram nos aposentos íntimos dos personagens; cenários de quarto, casais na cama e gestos que simbolizam o orgasmo passaram a ser admitidos.¹¹⁸

Essas mudanças na televisão e no cinema são perceptíveis também nos jornais. Assuntos, antes tabus, passaram a ser retratados publicamente.

¹¹⁵ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre 16 (2):5-22, jul/dez. 1990. p. 14.

¹¹⁶ PEDRO, Traduzindo ... **História**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 77-98, 2005. p. 88.

¹¹⁷ NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)**. Tese (Doutorado) - História - PUC, São Paulo, 2004.

¹¹⁸ HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 471.

Figura 17 - “Sou virgem, mas não fanática” - o cinema alemão e seu comercial erótico



Fonte: Jornal O Estado – 10 de setembro de 1974.

Percebe-se, igualmente, a liberalização dos costumes dentro do ambiente acadêmico. Palestra realizada na Universidade Federal de Santa Catarina sobre “Transexualismo”, divulgada em jornal de grande circulação entre a classe média florianopolitana, evidenciava um afrouxamento dos costumes e uma possível influência do movimento feminista dentro da sociedade.

Figura 18 - Mulher precisa ter mais consciência profissional



Fonte: Jornal O Estado – 18 de outubro de 1974.

Mesmo com todas as mudanças, na década de 1970, como já mencionado anteriormente, a capital de Santa Catarina ainda carregava em seu bojo a imagem de cidade provinciana, religiosa e “de respeito”. Comportamentos que transgredissem tais posturas eram, no mínimo, vistos a “olhos tortos”. Em uma sociedade predominantemente machista, existia uma grande preocupação das famílias em preservar a imagem de suas filhas, embora tolerassem os deslizes dos moços em respeito a namoradas e noivas, a quem traíam:¹¹⁹

Os locais de prostituição facilitavam as “aventuras sexuais”, que eram representadas também como uma oportunidade para os meninos se afirmarem como másculos e viris, o que era de suma importância num período no qual a repressão e a discriminação da sexualidade eram evidentes e levados ao extremo, principalmente quando se referiam aos estereótipos ligados aos papéis femininos.¹²⁰

Havia até espaços destinados a esses encontros extraconjugais, a fim de respeitar o âmbito das famílias. Como exemplo mais emblemático podemos citar a Rua Conselheiro Mafra, ainda hoje uma das ruas mais famosas do centro de Florianópolis:

¹¹⁹ FERRARI, V. Palmira: prost. 2008, p. 35.

¹²⁰ Id., ibid.

A imagem desta rua e de seus arredores (região portuária) era disseminada nos jornais como degradante, não apenas por ser uma zona de prostituição, mas também por abrigar parcelas pobres da população. Assim, algumas pessoas “receosas de se colocarem em “vias de difamação” ao percorrerem esses espaços, buscavam alternativas para contorná-los, promovendo uma segregação espacial e uma estigmatização do lugar dentro da dimensão urbana.¹²¹

Com a política de progresso e a imagem de limpeza da capital catarinense na década de 1960 incorporadas pela administração pública de Florianópolis, esta procedeu, seguindo o modelo de outras capitais do Brasil, como São Paulo, à erradicação dos bordéis e das casas noturnas do centro urbano.¹²² No caso de Florianópolis, os estabelecimentos para encontros “profanos” foram transferidos para um loteamento em Barreiros, na cidade de São José, construído especialmente com o intuito de centralizar e encerrar o despudor do centro da cidade. Esse loteamento de casas ficou conhecido como Vila Palmira,¹²³ criada em local isolado, distante do centro, de modo que o controle por parte do poder público fosse facilitado.

O século XX marca a emergência do afrouxamento dos costumes e dos movimentos por liberdade. Com isso, começa a aparecer a necessidade de espaços para o exercício da sexualidade fora do quarto do casal ou em prostíbulos, e o comércio passa a perceber a falta, no mercado, de produtos e serviços para as demandas sexuais dos casais formais e não formais. No Brasil, era comum os casais manterem relações sexuais em “hotéis suspeitos”; no entanto, a repressão policial acabou fechando muito desses estabelecimentos.¹²⁴

Em fins da década de 1960, começaram a ser construídos locais específicos para os encontros e práticas de relações sexuais. Inicialmente, sem uma legislação própria, camuflavam-se como hotéis e deles retiravam suas referências ambientais e visuais. Em Florianópolis, a rede moteleira teve início em 1972, com o Motel Meiembipe.¹²⁵ Segundo Mauro Bresolin, seu ex-proprietário, como o turismo ainda estava em vias de crescimento e não era capaz de sustentar um empreendimento sozinho, o Meiembipe tomou outro caminho, passando a ser uma mistura de casa noturna, *whiskeria* e motel.¹²⁶

Apesar de o Meiembipe se localizar em um local estratégico em relação às praias do norte, ele não foi construído afastado do centro por acaso, mas por uma questão de moral e bons

¹²¹ NONNENMACHER. **Um lugar sem memória:** Rua Conselheiro Mafra no século XX. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, p. 98.

¹²² Id. **Prostit. áreas urb.**2010, p. 97-105.

¹²³ Id., *ibid.*

¹²⁴ DALMOLIN. **O prazer...**2013.

¹²⁵ O motel Meiembipe – palavra de origem indígena que, segundo o seu proprietário, significa “o local depois do grande rio”, tinha um teor “Mané”.

¹²⁶ DALMOLIN, op. cit.

costumes, visto que, naquela época, um motel era considerado uma atividade marginal, razão por que não era permitido instalá-lo no centro da cidade.¹²⁷

A inauguração de um motel na cidade era novidade. O Meieimbipe passou a ser um lugar que atraía pelo exotismo, mas também porque garantia o anonimato e oportunizava encontros amorosos com mais liberdade. Destaco que, na década de 1970, os movimentos da contracultura e liberdade sexual passaram a dar um tom menos severo à sexualidade e as regras de namoro já não eram mais tão rígidas, o que contribuía para um tipo de comércio até então desconhecido. Além disso, o motel era um local que se distinguia de outros por garantir uma diferenciação em questão de hospedagem, seja na percepção de exotismo, seja na transgressão das regras da época.

A liberação dos costumes no comportamento sexual de homens e mulheres a partir da década de 1970 contribuiu para a consolidação do referido motel e é inegável o lugar simbólico e quase mítico que ele representou para Florianópolis e os que o frequentavam. Isso diz respeito, sobretudo, às percepções de exotismo, luxo e modernidade que ele contribuiu muito para concretizar. É neste clima de mudanças e ambiguidades que Florianópolis vai mudando os seus contornos. De cidade nativa e provinciana, abriu-se para o mundo e passou a ver vantagens na sedução de suas belezas naturais e na exposição dos corpos à beira mar. As práticas da população (dos antigos e novos moradores) começaram a mudar e as opções de lazer para os turistas aumentavam cada vez mais. É inegável a relação entre a modernização da cidade com as liberdades individuais.

Tratando-se de material publicitário, em uma pesquisa realizada nos dois principais jornais da época – O Estado e A Gazeta, de 1974 –, nada foi encontrado a respeito da inauguração do Meieimbipe. Segundo o antigo proprietário, o material publicitário referente ao motel só começou a aparecer de 1984 em diante. Em contrapartida, diversas fontes confirmam a percepção das relações de gênero em Florianópolis durante o período, tema que será tratado no próximo tópico.

2.2 “SÓ PARA MULHER”: ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PÁGINAS DOS JORNAIS EM FLORIANÓPOLIS (1974)

A década de 1970, para a cidade de Florianópolis, foi certamente a mais emblemática em termos de urbanização e crescimento, segundo Rafael Damaceno Dias.¹²⁸ O autor,

¹²⁷ DALMOLIN, op. cit.

¹²⁸ DIAS, Rafael Damaceno. **Que invasão é essa?:** leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970 - 2000). 2009. 137f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas,

utilizando dados censitários o IBGE (Instituto Brasileiro Geografia e Estatística) e os principais jornais da época, analisa, em sua dissertação de mestrado em História, os movimentos migratórios que se iniciam por volta da década de 1970. Partindo disto, e de uma pesquisa nos jornais O Estado e A Gazeta, os principais jornais em circulação em Florianópolis,¹²⁹ o ano de 1974, tomado como recorte, mostra como, neste período e em diversos momentos, as relações de gênero se misturavam entre modernidade e conservadorismo. Esta dicotomia pode estar relacionada ao turismo e à chegada de um novo contingente populacional que trouxe consigo novos hábitos e costumes para a região.

As mídias são observadas como produtoras de sentido porque “as representações de gênero e sexualidade na publicidade comportam um potencial crítico”.¹³⁰ Socialmente construídas, permitem analisar valores e comportamentos. Percebem-se, nas entrelinhas do jornal, impressões e imagens que carregam sentidos e constroem determinados padrões de mulher e de homem; mais que isso, escreve Ivonete Pereira, “percebemos um constante olhar sobre a mulher, um olhar que vigiava, que denunciava e punia”.¹³¹

O objetivo da história é observar as transformações que afetam a sociedade ao longo do tempo e propor interpretá-las, buscando compreender as camadas de tempo que podem ser desveladas no decorrer dessas mudanças. Dessa maneira, o historiador não se limita a descrever, mas busca compreender e interpretar as relações de sociabilidades. Como bem evidenciou Reinhart Koselleck: “A ‘história’ é e continua a ser uma ‘ciência da experiência’”,¹³² pois:

Direta ou indiretamente, toda história trata de experiências próprias ou alheias. Por isso, podemos supor que os modos de contar histórias ou de elaborá-las com método possam ser relacionados aos modos como adquirimos, reunimos ou modificamos as experiências. Cada aquisição ou modificação de experiência se desdobra no tempo, e assim surge uma história.¹³³

Ao se pensar em novas experiências, é indissociável que se pense em novas relações de sociabilidades; ao pensar em novas sociabilidades, é indissociável que se pense na evolução da sociedade humana e na emergência de novas culturas políticas que perpassam essas relações. “A utilização política direta da ‘História’, que atingiu um amplo público só foi possível porque

Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 17/02/2009.

¹²⁹ LOHN, Reinaldo Lindolfo. “Lá fora, o tempo passa”: uma breve história das disputas políticas em torno da paisagem urbana de Florianópolis no tempo presente (décadas de 1970 e 1980). **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 124-130, dez. 2016. p. .

¹³⁰ SABAT, Ruth Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELNER, S, V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. P.152.

¹³¹ PEREIRA. Imagens... **Esb. histór.** v. 1, n. 1. 1994. p. 32.

¹³² KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história** / Reinhart Koselleck; tradução Markus Hediger. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC – Rio, 2014. P. 30

¹³³ KOSELLECK, op. cit., p. 33.

a História foi entendida não apenas como ciência do passado, mas sim como espaço de experiência e meio de reflexão da unidade de ação social e política que se tem em vista.”¹³⁴

O termo “político” sofreu um deslocamento advindo de uma mudança de perspectiva, não mais centrada no Estado. Com isso, há um alargamento do âmbito do político, bem como das culturas políticas. Segundo Berstein, “os historiadores entendem por cultura política um grupo de representações, portadoras de normas e valores que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político.”¹³⁵

Mas, o que seriam essas representações? Representação, enquanto fenômeno cultural e político, é a capacidade de “agir em lugar de” e ela pode significar, na maior parte das vezes, a exclusão da maioria das pessoas dos benefícios da política.¹³⁶

De acordo com Chartier, é possível dizer que “representações” são construções sociais da realidade, em que os sujeitos fundamentam suas visões de mundo a partir de seus interesses e de seu grupo. Desta maneira, os sujeitos e os grupos aos quais eles pertencem criam representações de si mesmos e de outros grupos, fundamentando suas visões de mundo sobre as experiências históricas. As representações visam construir o mundo social, sendo elas matrizes dos discursos e das práticas dos grupos. Assim, compreender as representações dos grupos é compreender como seu mundo é socialmente construído. Como escreve o autor:

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições, cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas –; muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais.¹³⁷

¹³⁴ KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. **O conceito de História**. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 190.

¹³⁵ BERNSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília *et al.* (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 31.

¹³⁶ PITKIN, Hanna Fenichel. **Representação**: palavras, instituições e ideias. Lua Nova, São Paulo, 2006. 67; 15–47.

¹³⁷ CHARTIER, Roger. **A história Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, s/d, p. 17.

Desta forma, existem, para os historiadores, diversas formas de pensar o político, visto que há vários sistemas de representação, distintos entre si, e que pertencem a culturas políticas diversas. Levando em consideração o que René Remond¹³⁸ chama de renovação do político, os fatores econômicos, sociais e culturais não podem se dissociar. Essa renovação se dá de forma abstrata e é estimulada pela interdisciplinaridade. Durante muito tempo, a história política se interessava apenas pelas minorias privilegiadas. Marx e Freud contribuíram para acabar com o prestígio da história política; porém, “é evidente que existam culturas políticas dominantes, porque suas concepções atendem diretamente às aspirações majoritárias da sociedade.”¹³⁹

As culturas políticas emergem em meio a um problema ou a um interesse em comum; por isso, diz-se que uma cultura política evolui e envolve a tessitura das relações sociais. A família, a escola, o trabalho ou qualquer outra rede de sociabilidade é autônoma e desenvolve o seu próprio discurso. Quando se fala que uma cultura política se modifica, mas não morre, se levam em consideração a diversidade do grupo, a frequência de reuniões, o engajamento político e o comportamento dos indivíduos que se propõem. Pensar no deslocamento do termo “político” é pensar que houve uma mudança de perspectiva que clama por novos olhares, voltados a questões contemporâneas que atingem a sociedade constantemente, tais como etnia, gênero, classe, família, movimentos sociais calcados sempre na máxima de que cultura é política, com todo o seu multiculturalismo.

Partindo dessa premissa, pode-se pensar, de acordo com o texto de Charles Taylor¹⁴⁰ sobre o multiculturalismo e a “política do reconhecimento”, que a identidade humana se molda a partir do reconhecimento, ou pela falta deste, e as pessoas podem sofrer grandes danos em caso de rejeição. A falta de reconhecimento, ou o preconceito, não somente mostra uma falta de respeito enorme para com os seres humanos, como também causa um trauma sem tamanho, acarretando, como consequência, a autodepreciação. Um exemplo bastante emblemático era como as mulheres carregavam um estereótipo de inferioridade perante os homens em sociedades patriarcais. É o que observa Ferrari:

Todo o setor público da cidade era comandado pelo sexo masculino, onde as leis, normas e regras eram elaboradas e executadas por homens. Existiam relações desiguais, determinadas pelas definições dos papéis sexuais, dentro de uma sociedade em que existia um projeto moral, amparado por relações de gênero, no qual se valorizava a virgindade e o casamento.¹⁴¹

¹³⁸ REMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1997. 472 p.

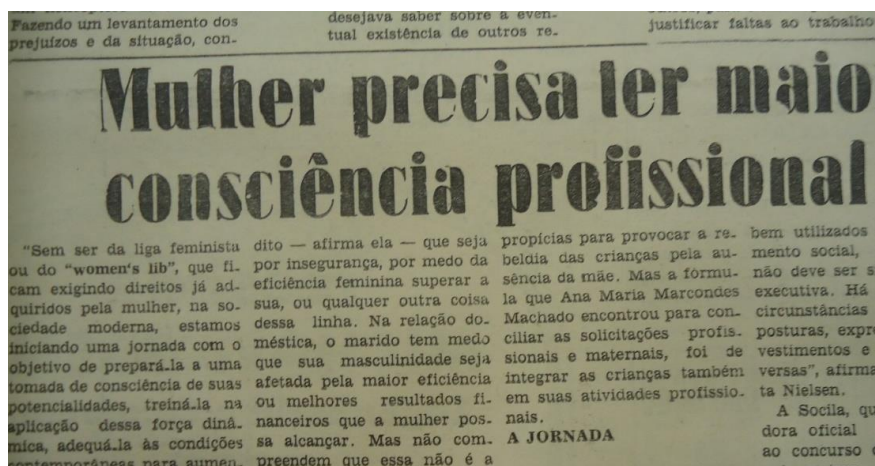
¹³⁹ BERNSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília ET AL (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 37.

¹⁴⁰ TAYLOR, Charles. (Org.). **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

¹⁴¹ FERRARI. **Palmira**: prost. 2008. p. 34

Analisando os jornais O Estado e A Gazeta, ao longo de 1974, foi comum aparecerem discursos que enfatizavam as diferenças entre homens e mulheres, como é o caso das colunas apresentadas nas figuras 19, 20, 21, 22.

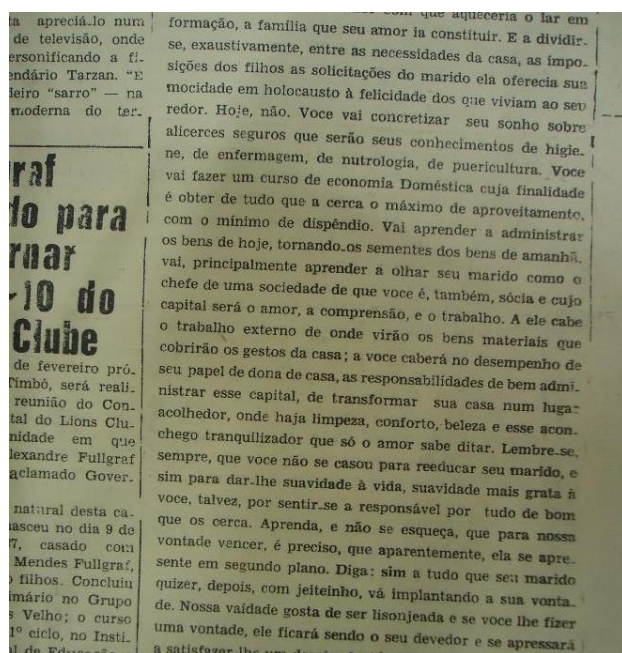
Figura 19 - O papel do homem e da mulher



Fonte: Jornal A Gazeta - 17 de abril de 1974.

[...] Na relação doméstica, o marido tem medo que sua masculinidade seja afetada pela maior eficiência ou melhores resultados financeiros que a mulher possa alcançar. Mas não compreendem que essa não é a verdade. A mulher não pretende destronar o homem. Tanto o homem quanto a mulher têm, cada qual, seu sentido, sua posição.”

Figura 20 - O amor próprio é um mau conselheiro



Fonte: Jornal A Gazeta - 11 de maio de 1974.

“[...] vai principalmente aprender a olhar seu marido como o chefe de uma sociedade de que você é, também, sócia e cujo capital será o amor, a compreensão e o trabalho. A ele cabe o trabalho externo [...] a você caberá no desempenho de seu papel de dona de casa. [...] lembre-se, sempre, que você não casou para reeducar seu marido, e sim para dar-lhe suavidade à vida [...] diga sim a tudo que seu marido quiser...”

Figura 21 - O talento de Maria Cláudia a serviço das mulheres

...sim para dar-lhe suavidade à vida, suavidade mais grata à
você, talvez, por sentir-se a responsável por tudo de bom
que os cerca. Aprenda, e não se esqueça, que para nossa
vontade vencer, é preciso, que aparentemente, ela se apre-
sente em segundo plano. Diga: sim a tudo que seu marido
quizer, depois, com jeitinho, vá implantando a sua vontade.
de. Nossa vaidade gosta de ser lisonjeada e se você lhe fizer
uma vontade, ele ficará sendo o seu devedor e se você não
a satisfizer, lhe um desejo. A vida é uma troca: se você não
der, não terá possibilidade de receber. Ponto final em
nossas divagações. A vida prática nos espera. Mãos a obra.
Desarrume as malas. Vá guardando essas adoráveis futili-
dades que o mundo convencionou chamar indumentária fe-
minina. Abra os armários, arrume suas gavetas e não se
esqueça, que por mais desarrumado que seja um homem,
não perdoa nunca que a mulher o seja. Arrume também as
gavetas de seu marido; é provável que ele, amanhã, de nova
arrumação. Os homens tem o seu jeito especial para tudo.
Não se amue. Concorde que, como ele quer, ficará mesmo
melhor. O amor próprio é mau conselheiro e é um intruso
na vida conjugal. Mas, siga estes conselhos. E anote também
os que sempre damos aqui em nossa coluna. Hoje você não
precisará deles. Amanhã, talvez, correrá a buscá-los. E um
último lembrete para você: não comente com vizinhas e
amigas sobre sua vida particular com seu marido. Todo
casal deve resolver todos os seus problemas. Não permita
casal deve resolver todos os seus problemas. Não permita
minha amiga, a interferência de terceiros em sua vida de
casada, por favor. Tantas desgraças tem acontecido, tantas
infelicidades, tantas separações, motivadas por palpites de
alheios. Fazemos votos para que entre você e seu esposo
nunca hajam rugas. Mas (sempre existe um "mas...") se
houver, procurem conversar, os dois, calmamente, até
chegarem a uma conclusão. Procurem analisar bem, o mo-
tivo da briga, se foi justo ou não, e não deixem que o ran-
cor tome conta de seus corações. Vocês tem uma vida in-
teira pela frente, e se Deus quizer, serão muito felizes. Meu
abraço à você.

“Abra os armários, arrume as gavetas e não se esqueça que, por mais desarrumado que seja um homem, não perdoa nunca que a mulher o seja. [...] o amor próprio é um mau conselheiro e é um intruso na vida conjugal.”

Fonte: Jornal A Gazeta - 11 de maio de 1974.

Figura 22 - Pequenas economias que atestarão seu espírito ordeiro

também é responsável pela rápida penetração dos moder-
nos aerossóis aéreos (48,5% de todos os tipos consumidos),
acompanhando a tendência dominante nos mercados tam-
bém sofisticados da Europa e Estados Unidos.

Só para mulher

O TALENTO DE MARIA CLAUDIA A SERVIÇO DAS MULHERES

O sucesso de "Gisa" na badaladíssima novela "O Bem Amado" (que já está sendo levada no México, em versão castelhana) levou uma importante indústria de São Paulo a convidar Maria Cláudia para fazer na televisão a propaganda de seu produto mais famoso e não menos badalado.

A empresa em questão é a Elgin Máquinas S/A. e o produto, a revolucionária máquina de costura ELGIN GENIUS.

No comercial em que faz a apresentação da GENIUS, "Gisa" Maria Cláudia dá mais um pequeno show de charme e talento capaz de sensibilizar não apenas as zelosas donas de casa mas (sobretudo) o mais recalcitrante dos maridos. A simples presença da atriz no vídeo, ainda que durante os breves segundos de um comercial, deixa qual-quer um predisposto a presentear imediatamente sua cara metade com a máquina de costura dos sonhos dela.

Aliás, diga-se de passagem, a ELGIN GENIUS merece a apresentação.

Trata-se de uma máquina doméstica que, quando foi lançada, há menos de dois anos revolucionou o mercado brasileiro de costura. Depois disso, passou ainda por algu-

gem as principais daquelas que se d campo da geotécni eles hidrogeólogos, ros de solos e fun pecialistas em ma construção tecton das, mecânica de cânica de rocha ção".

Além da discus ma de sessões esp nários, os congre priário program técnicas, que vão obras do Metrô, de abastecimento São Paulo e a F Imigrantes.

Programaram- visitas para con importantes áreas e minerais, tais do médio Parar Iguazu e Salto do alto Paraná as obras das São Simão, Mar Solteira e Jupia Também, a B São Francisco Sobradinho e P a região Amaz dovia e obras de Una, Manaus e bém poderão as áreas geoló drilatório ferri — os seus dep estabilidade de

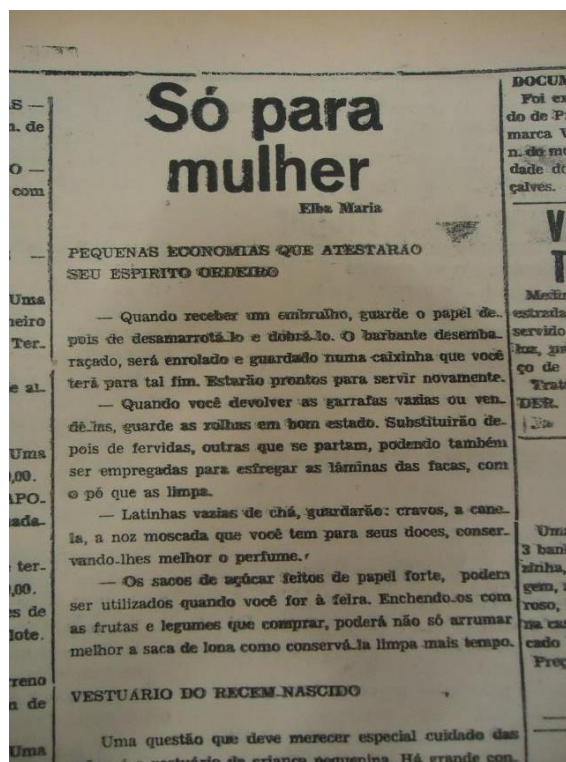
Fonte: Jornal A Gazeta - 4 de janeiro de 1974.

Além disso, ao pensar na coluna intitulada “Só para mulher”, podemos notar o caráter de reafirmação das hierarquias de gênero, desde o nome da seção, que restringe o texto e se destina apenas ao gênero feminino.

A coluna da Figura 22, com o subtítulo “O talento de Maria Claudia a serviço das mulheres”, faz menção a um comercial de máquinas de costura capaz de encantar não apenas as “zelosas donas de casa”, mas também seus maridos. “A simples presença da atriz no vídeo, durante os breves segundos de um comercial, deixa qualquer um predisposto a presentear imediatamente sua cara metade com a máquina de costura dos sonhos dela.” Um claro exemplo de como os papéis eram divididos na sociedade e de que a mulher ficava com os encargos domésticos.

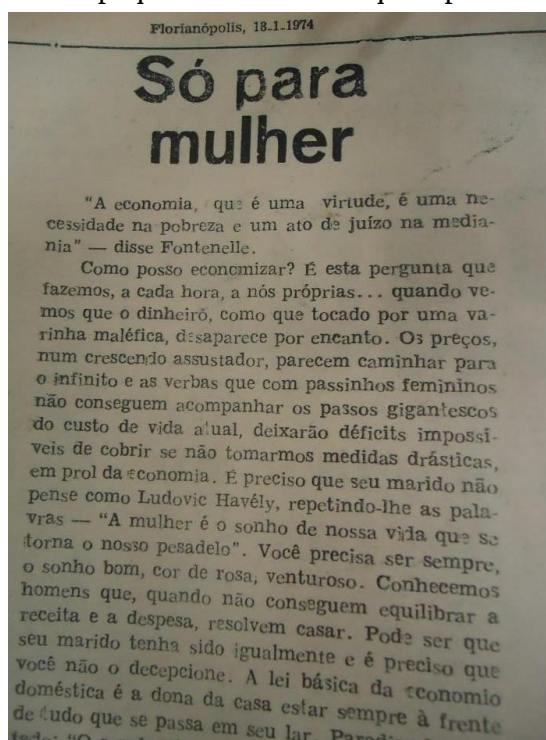
Já as matérias abaixo (Figuras 23 e 24) ensinavam como as mulheres deveriam economizar em determinadas situações, como se fosse preciso atestar boas práticas para ser considerada uma boa mulher/esposa - “pequenas economias que atestarão seu espírito ordeiro” -, pois uma boa dona de casa precisava estar atenta a tudo o que se passasse em seu lar.

Figura 23 - Homens que não conseguem equilibrar suas finanças devem se casar



Fonte: Jornal A Gazeta - 13 de fevereiro de 1974.

Figura 24 - O pequeno aro de ouro que a prende ao dever



Fonte: Jornal A Gazeta - 18 de janeiro de 1974.

“Você precisa ser, sempre, o sonho bom, cor-de-rosa, venturoso [...] Conhecemos homens que, quando não conseguem equilibrar a receita e a despesa, resolvem casar. Pode ser que seu marido tenha sido igualmente e é preciso que você não o decepcione. ”

A década de 1970 carrega em seu bojo as mudanças advindas da década de 1960. O movimento feminista no Brasil ainda era incipiente, no sentido de dar maior visibilidade aos direitos das mulheres. Como mostra a nota acima (Figura 24), as mulheres tinham o dever de ser sempre o “sonho bom” de seus maridos e evitar decepções a ele, ou seja, enquanto o movimento feminista falava de igualdade entre homens e mulheres, as colunas de “Só para mulher” reafirmavam as hierarquias de gênero e atribuíam um lugar para a mulher como dona de casa, esposa e cuidadora do espaço doméstico, bem diferente da entrada das mulheres no mercado de trabalho e da igualdade proposta pelo movimento feminista

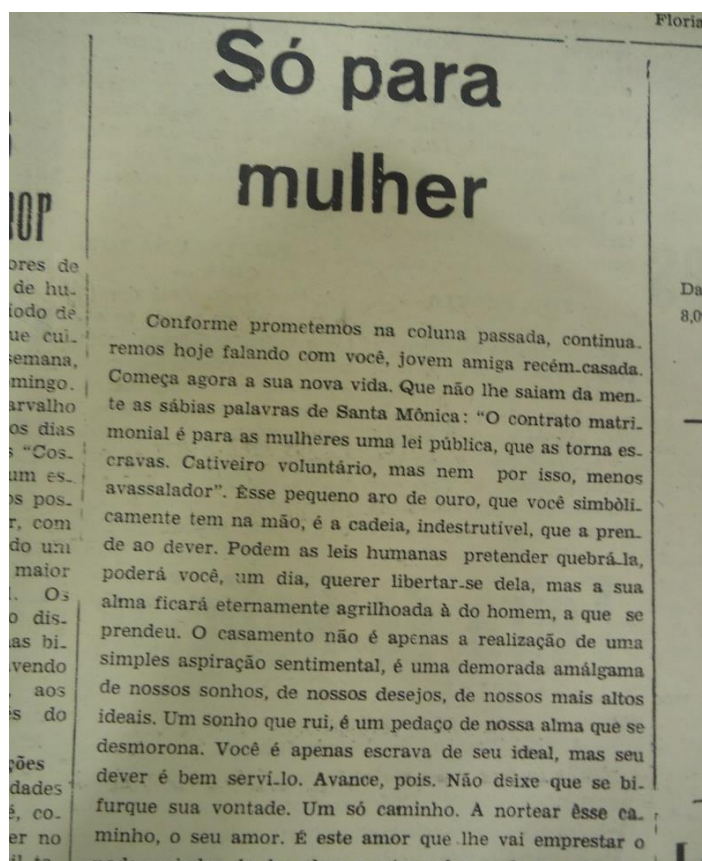
Antes da promulgação da Lei do Divórcio (1977), a maridos e esposas infelizes só restava o desquite — o que encerrava a sociedade conjugal, com a separação de corpos e de bens, mas não extinguiu o vínculo matrimonial, e quem vivia em concubinato sofria muito preconceito, principalmente as mulheres. Fruto de uma emenda constitucional, proposta pelo

Senado, a Lei do Divórcio (Lei 6.515/1977) permitiu uma profunda mudança social no Brasil. Até então, o casamento era indissolúvel.¹⁴²

Lembro que, na década de 1970, cobravam-se os papéis naturalizados conforme modelos cristalizados pela Igreja e vividos no cotidiano, e a Igreja investia com ações moralizadoras e documentos eclesiásticos, como a “Declaração de Alguns Pontos da Ética Sexual”, de 1976, que tratava da família e sexualidade, delimitando o lugar dos esposos no matrimônio e a moral sexual, notadamente cobrando das mulheres a missão de guardar e proteger a dignidade do matrimônio. O divórcio era uma grave ameaça, sem dúvida.¹⁴³

Isso fica claro quando analisamos a coluna abaixo (Figura 25), que traz dizeres que evidenciam que o casamento era uma instituição indissolúvel, e que, mesmo que as leis humanas tentassem dissolvê-las – pois, desde o fim do século XIX, já tinha sido apresentada ao Parlamento a primeira proposição de legislação a favor do divórcio – a mulher estaria para sempre ligada a seu marido.

Figura 25 – Casamento: instituição indissolúvel



Fonte: Jornal A Gazeta - 11 de janeiro de 1974.

¹⁴² FÁVERI, Marlene de. Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa. *Caderno Espaço Feminino*, v. 17, n. 01, jan./jul. 2007. p. 335-357.

¹⁴³ Id., *ibid.*, p. 353.

“Esse pequeno aro de ouro, que você simbolicamente tem na mão, é a cadeia, indestrutível, que a prende ao dever. Podem as leis humanas pretender quebrá-la; poderá você, um dia, querer libertar-se dela, mas a sua alma ficará eternamente agrilhoadada à do homem a que se prendeu.”

Quando o texto acima (Figura 25) menciona a aliança como o “aro que prende ao dever”, está reafirmando uma noção de casamento, de expectativas e atributos de gênero estabelecidos para homens e mulheres, delimitados por normas de conduta. À mulher cabia a representação de esposa, mãe, ordeira, incumbida de cuidar do lar e de seu marido, enquanto ao homem era atribuído o lugar de provedor e senhor das mulheres, numa sociedade que atribuía lugares para homens e mulheres dentro de uma norma cristã e heteronormativa.

Uma das grandes lutas pela igualdade é o movimento feminista, que produz sua própria reflexão acerca da sua teoria. “Gênero’ tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos “femininos” de corpos masculinos”.¹⁴⁴ Desse modo, gênero é constituído por relações sociais baseadas em relações de poder, relação na qual o gênero masculino tem hegemonia.

As relações de gênero, são compreendidas como construções sociais acerca do masculino e do feminino, construídos sobre a base da percepção da diferença sexual em cada sociedade. A construção dessas diferenças entre masculino e feminino, produz expectativas de papéis, atributos e comportamentos entre homens e mulheres, produzindo hierarquias e desigualdades que colocam as mulheres em posição de vulnerabilidade e desigualdade. Ou seja, os atributos de gênero na sociedade evidenciam e são permeados por relações de poder que colocam as mulheres em situação de desigualdade em relação aos homens. Assim, “gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais”, e estas “nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder – de dominação e de subordinação – são construídas”.¹⁴⁵

A exclusão que atinge a mulher se dá, às vezes e simultaneamente, pelas vias do trabalho, da classe, da cultura, da etnia, da idade, da raça, e, assim sendo, torna-se difícil atribuí-la a um aspecto específico desse fenômeno. Por isso Simone de Beauvoir¹⁴⁶ se tornou pioneira na luta pela igualdade de gêneros. Desde a primeira onda do feminismo, ela excluiu a

¹⁴⁴ NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

¹⁴⁵ SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, n. 3, p. 11-27, 1994.

¹⁴⁶ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo I: fatos e mitos*. São Paulo: DIFEL, 1970.

diversidade e o determinismo biológico ao afirmar que “não se nasce mulher; torna-se”, de acordo com as condições de seu meio. Segundo Joan Scott:

[...] é a organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo [...] determina univocamente como a divisão social será estabelecida.¹⁴⁷

Joan Scott¹⁴⁸ afirma que gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais, saber, este, relativo, ou seja, pensado nos diversos ângulos sobre as diversas relações humanas. E é através disso que as relações de poder, tanto de subordinação quanto de dominação, são construídas. Por essa perspectiva, há que se desconstruir o mito da “fragilidade feminina” e tentar contribuir para a construção de uma sociedade histórica não hierárquica, tanto no que se refere a sexo, quanto a classe ou raça.

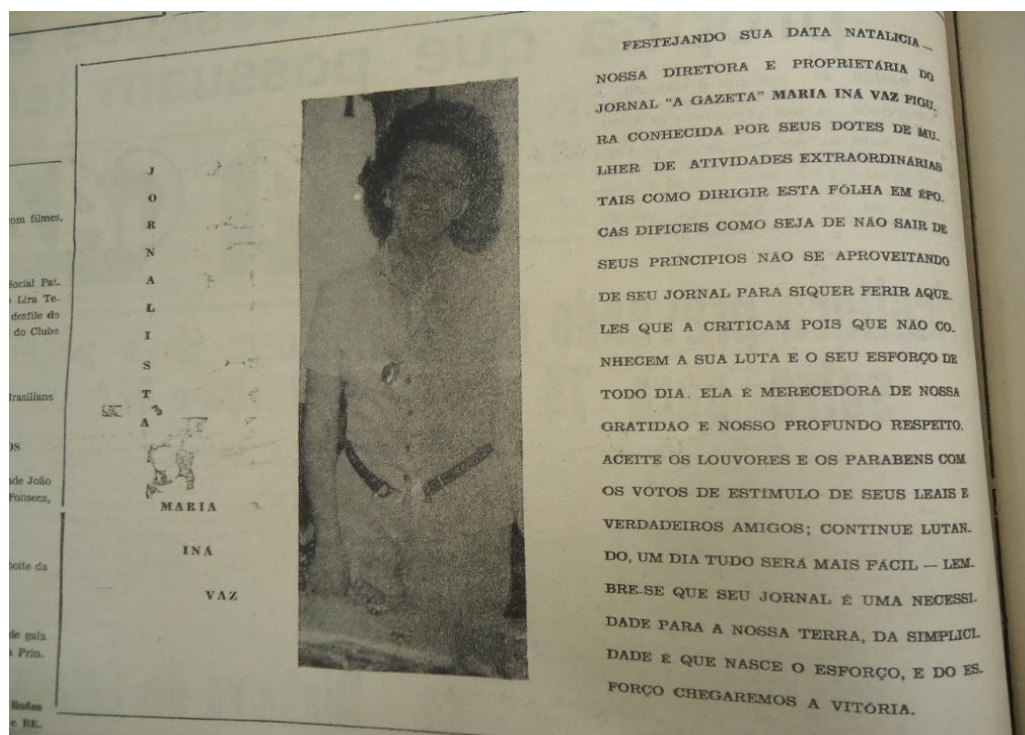
Depois de tantos discursos encontrados nos jornais analisados, que enfatizavam os deveres das mulheres no espaço doméstico, uma matéria peculiar (Figura 26), que chama a atenção, é uma homenagem feita à jornalista Maria Iná Vaz, que assumiu a direção do jornal A Gazeta, em 1955, após a morte de seu noivo, o jornalista Jairo Callado. Maria Iná dirigiu o jornal por 30 anos, até 1985, quando foi acometida por um câncer terminal e resolveu vendê-lo ao seu maior concorrente, Matusalém Comelli, proprietário do jornal O Estado.¹⁴⁹

Figura 26 – Proprietária e diretora do jornal A Gazeta completa mais uma primavera

¹⁴⁷ SCOTT, Joana W. **Gênero: uma categoria útil...** p. 13

¹⁴⁸ SCOTT, Joan W. “para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

¹⁴⁹ JORNAL A GAZETA, 26 nov. 1974.



Fonte: Jornal A Gazeta - 26 de novembro de 1974.

Esta matéria chama a atenção, visto o contexto em que se encontra, junto a matérias que enfatizam os deveres domésticos das mulheres. Maria Iná, mesmo sofrendo com os percalços do seu tempo, conseguiu gerir um jornal de tamanha circulação em uma sociedade/época que engatinhava ainda nos preceitos dos direitos femininos, como fica evidente na homenagem: “Seus dotes de mulher de atividades extraordinárias, tais como dirigir esta folha em épocas difíceis [...]”

Considerando que o espaço público também é um espaço de poder, podemos considerar que Maria Iná atuou na cena política. Isso traz à luz o texto *Feminismo, História e Poder*,¹⁵⁰ de Céli Regina Pinto, que aborda um tema questionador dentro do binômio mulher *versus* poder, ou seja, a falta de voz das mulheres dentro do espaço político. Ela indaga a questão: “Que tipo de mulher queremos nos cenários políticos?” Seriam todas as mulheres independentes, independentemente de classe, ordem e posicionamento político, ou apenas as politicamente engajadas? Volto aqui à questão da representação da mulher e de ela se enxergar como sujeito com capacidade de “agir em lugar de”, ou seja, de se empoderar política e socialmente. Céli Regina Pinto aponta para o fato de a mulher carregar uma insígnia, ou seja:

Quando uma mulher fala, sua fala tem uma marca: é a fala de uma mulher; quando uma mulher feminista fala, tem duas marcas: de mulher e de feminista. A recepção

¹⁵⁰ PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

destas falas por homens e mulheres tende a ter a mesma característica: é a característica, a recepção de uma fala marcada, portanto particular, em oposição à fala masculina/universal.¹⁵¹

Pelo fato de o mundo da política ser o mais masculino dos espaços é que se faz tanta necessidade de a mulher ter voz ativa, afirmando sua identidade de poder e deixando de lado a sua condição de “ser só mulher”. Céli termina seu texto dizendo que, se, por um lado, o movimento feminista logrou muitas conquistas no que tange às estruturas de poder e de dominação, por outro lado, ele tem sido muito fraco em interpelar as mulheres para agirem no mundo público.¹⁵² Para falar da necessidade de um programa de inclusão das mulheres na esfera política ela utiliza uma espécie de analogia ao texto de Foucault.¹⁵³ Utiliza, do texto, a passagem em que o filósofo trata do tema exclusão/inclusão, quando se refere à inclusão da mulher em vários âmbitos sociais. Reconhece, porém, a sua exclusão da vida pública, exemplificando que é isso que limita as mulheres historicamente de ter voz e fazer história na política.

O que ainda é interessante analisar, em se tratando dos jornais da época, é a dicotomia então existente entre as opiniões sobre o “corpo feminino exposto”. Enquanto algumas reportagens desqualificavam a exibição do corpo da mulher de biquíni nas praias, outras utilizavam justamente essa imagem para promover a cidade, como é possível novamente se evidenciar na reportagem do jornal O Estado (Figura 27), que traz a indignação do colunista em mostrar uma foto de duas mulheres com esse tipo de maiô: “Olhem que pouca vergonha, que escândalo duas minas (nem tão mimadas assim) se apresentando dessa maneira. [...] Nem tenho coragem de publicar tal foto”. Entretanto, no mesmo jornal, em datas diferentes (Figura 28), aparece uma jovem de tanga e velosolex¹⁵⁴ para anunciar a chegada da primavera.

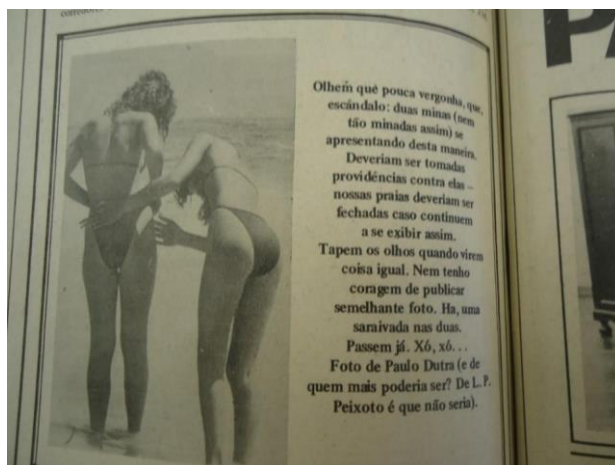
Figura 27 - Moças de biquíni na praia

¹⁵¹ Id., *ibid.*, p. 20.

¹⁵² Id., *ibid.*, p. 22.

¹⁵³ FOUCAULT, M. *Les Anormaux*. Paris: Gallimard, 1999. p. 41.

¹⁵⁴ Traduzido do inglês - O VéloSoleX é uma bicicleta motorizada, ou ciclomotor, geralmente chamada de 'Solex', originalmente produzida pelo fabricante francês Solex, com sede em Courbevoie, perto de Paris, França.



Fonte: Jornal O Estado - Florianópolis, 31 de outubro de 1974.

Figura 28 - De tanga e Velosoléx para anunciar a chegada do verão



Fonte: Jornal O Estado -
19 de setembro de 1974.

Quando assumi Florianópolis, na década de 1970, como estudo de caso, comparei o processo de modernização da cidade ao trazer novos moradores com o da introdução de novos costumes, de outros modos de vida e de novas sensibilidades que impactam as relações de gênero construídas em tempo e espaço, e o fiz, como citei na introdução, fazendo referência ao estudo do professor Lohn:

Para as novas classes médias, as condições oferecidas pela cidade estavam em contínua melhoria, especialmente após o crescimento da população universitária e a implantação de sedes de empresas estatais. O centro da cidade passou por um rápido processo de verticalização e sua silhueta incorporou a imagem de altos edifícios de apartamentos, enquanto as ruas foram tomadas por automóveis. [...] Enquanto isso, modos de vida, modas, jeitos e valores, aproximaram-se daqueles predominantes em qualquer grande cidade brasileira.¹⁵⁵

¹⁵⁵ LOHN. **Rev. Elet. Vent. Acer....** v. 4, n. 1, p. 127, dez. 2016.

Na época, o proprietário do jornal O Estado, Aderbal Ramos da Silva, líder partidário e empresário, queixava-se do “crescimento rápido” de Florianópolis, que surpreendia mesmo aquele que se julgava “uma pessoa conhecida na cidade”. É como se surgisse uma estranha cidade, composta por habitantes muito diversos.¹⁵⁶ Pensar essas relações de sociabilidade nos fez analisar as construções históricas por trás das entrelinhas dos jornais e perceber como tudo é construção e/ou desconstrução. Desta maneira, ao observar as reportagens, entre os conselhos para a boa dona de casa e as fotos das mulheres de biquíni, podemos observar rupturas e permanências no processo de modernização de Florianópolis e suas tensões nos próprios jornais que atuam como lugares de produção do saber de gênero, ao observar os significados “variáveis e contraditórios” atribuídos à diferença sexual.

¹⁵⁶ Id., *ibidem*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Florianópolis, até o início da década de 1970, era uma cidade que, embora já carregasse o título de capital, ainda guardava em suas práticas cotidianas a feição de uma cidade pequena e, muitas vezes, considerada provinciana por seus moradores e turistas. Não apenas pela falta de infraestrutura urbana, mas também por não estar inserida no mercado de consumo de massas e não ter um parque industrial.

A década de 1970 foi marcada por uma série de interferências urbanas, como o aterro da Baía Sul, a construção da ponte Colombo Salles, a abertura das rodovias em direção às praias do norte da Ilha e a especulação imobiliária. Além disso, há a incorporação de novos moradores vindos de outros estados para trabalhar no funcionalismo público; a formação de uma classe média ansiosa por estabelecer novos padrões de consumo e as tensões criadas entre os “nativos” e os “de fora”. A modernização trouxe também novos estilos de vida que impactaram as relações de gênero, que, por sua vez, reverberaram nas páginas dos jornais, particularmente o Estado e a Gazeta, aqui tomados como referência pelos motivos expostos. Em suas páginas, pôde-se apreciar o surgimento das narrativas de uma cidade que se modernizava e de novos costumes que entravam em cena, com uma cidade que passava de provinciana a turística. Com isso, agregava-se a todos esses indícios de mudança a ideia de uma suposta vocação para o turismo na cidade, imagem utilizada de maneira a garantir, permanentemente, novos ganhos para as elites.

O objetivo deste trabalho foi analisar, através das narrativas contidas nos jornais do ano de 1974 como eram representadas as novas sociabilidades e identidades de gênero que emergiram no contexto da modernização de Florianópolis. As mudanças advindas do processo de transformação urbana da capital catarinense, assim como em outras cidades brasileiras e estrangeiras, foram o resultado de um conjunto de fatores que, juntamente com o panorama econômico favorável ao Brasil, contribuíram para alterar o modo de vida dos ilhéus.

Os espaços de sociabilidades foram mudando à medida que o centro foi sendo higienizado e foi passando por reformas urbanas, em particular quando a Conselheiro Mafra e a Felipe Schmidt perderam muito de suas características comuns. As áreas centrais, como as áreas onde se encontravam as casas de prostituição, que foram retiradas do centro da cidade, também mudaram. Uma cidade moderna deveria comportar ruas mais largas, vias expressas e uma área central sem a presença de prostitutas e vagabundos.

No entanto, ficou evidente, pelas pesquisas utilizadas no presente trabalho, que, mesmo com o processo de modernização, ainda circulavam pela imprensa discursos que condenavam

comportamentos ditos imorais das pessoas (como o uso dos biquínis), cobrando condutas, prescrevendo papéis sociais e sexuais. Da mesma forma, circulavam discursos preconceituosos para com certos migrantes que chegavam à cidade para morar, e até mesmo com os turistas, que passaram a chegar em número cada vez mais expressivo.¹⁵⁷ Ao analisar os jornais, ficou clara a ambiguidade presente na imprensa daquele período, pois, enquanto algumas narrativas condenavam certos comportamentos, no mesmo jornal apareciam relatos sobre a “nova mulher” que trabalha e, inclusive, administra um jornal.

Ao focar a modernização da década de 1970, dei-me conta de que esta questão está tão próxima em tempo e espaço que é como falar de uma Florianópolis que ainda comicha, incomoda, desassossega em âmbito particular e público. Várias pessoas de meu convívio, assim como muitos leitores deste trabalho, ainda guardam lembranças vivas desta época. Segundo palavras de Rouso, “e o historiador do tempo presente não viveu diretamente tudo o que entra no seu campo de observação, ele pode, pelo menos, falar com aqueles que o viveram.”¹⁵⁸ As mudanças que ocorreram na cidade, principalmente no aterro, ainda causam dúvidas e insatisfações. São inquietações que nos faz pensar em como essa modernização chegou a Florianópolis: se ela realmente deveria ter sido desta forma, ou, pensa-se hoje, se teria havido outras possibilidades. Muitas pessoas ainda se sentem culpadas por ter deixado o mar ficar tão distante.

Ao mesmo tempo, ficou evidente que o processo de modernização acompanhou as mudanças nas sociabilidades de Florianópolis, assim como alavancou as liberdades individuais da população. Não foi à toa que, a partir da década de 1970, se construiu uma imagem de cidade turística, o que mais tarde lhe conferiu o título de Ilha da Magia, seja por suas belezas naturais, seja pela imagem de cidade, que os jornais ajudaram muito a construir, associada ao ócio e ao lazer.

Enfim, este trabalho procurou problematizar como o processo de modernização era narrado nos jornais e expressava as mudanças nas relações de gênero. Uma das propostas do trabalho foi compreender as relações entre homens e mulheres relacionadas ao Tempo Presente, analisando-as à luz da categoria gênero e às construções culturais de masculinidades imbricadas nas relações de poder. “A História do Tempo Presente se acha em todo lugar em que o passado recente deixou marcas a ferro quente, nos corpos, nos espíritos, nos territórios, nos objetos.”¹⁵⁹

¹⁵⁷ DIAS, Rafael Damaceno. Op. cit., 45-47.

¹⁵⁸ ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente e o contemporâneo / Henry Rouso; tradução de Fernando Coelho, Fabrício Coelho. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 14

¹⁵⁹ Id., ibid., p. 19.

Dessa maneira, conclui-se que as contradições presentes nos jornais da época não só retratam a realidade fruto de seu tempo, como também as características de uma sociedade que, ao tempo em que precisava se modernizar para a chegada de um novo contingente populacional, ainda carregava em seu bojo as características de cidade provinciana, pequena, apegada a discursos que defendiam noções que reforçavam discursos de desigualdade de gênero, que os novos tempos vieram questionar.

FONTES

1. PERIÓDICOS

Arquivo Biblioteca Pública Estado de Santa Catarina:

- A Gazeta. Florianópolis, 01/01/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 04/01/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 11/01/1974
- A Gazeta. Florianópolis, 18/01/1974
- A Gazeta. Florianópolis, 25/01/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 29/01/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 03/02/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 09/02/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 13/02/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 17/04/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 11/05/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 04/10/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 24/11/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 08/12/1974.
- A Gazeta. Florianópolis, 24/11/1974
- A Gazeta. Florianópolis, 26/11/1974
- O Estado. Florianópolis, 21/02/1974.
- O Estado. Florianópolis, 01/09/1974.
- O Estado. Florianópolis, 10/09/1974.
- O Estado. Florianópolis, 19/09/1974.
- O Estado. Florianópolis, 10/10/1974.
- O Estado. Florianópolis, 18/10/1974.
- O Estado. Florianópolis, 19/10/1974.
- O Estado. Florianópolis, 31/10/1974.
- O Estado. Florianópolis, 24/11/1974.
- O Estado. Florianópolis, 29/11/1974.
- O Estado. Florianópolis, 06/01/1980.
- O Estado. Florianópolis, 17/01/1980.

2. INTERNET

Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br>. Acesso em: mar. 2021.

Disponível em: <https://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/noticias/docsync-florip-nasce-como-novo-passo-da-fusao-com-propague.html#:~:text=Sobre%20a%20base%20s%C3%B3lida%20de,a%20expans%C3%A3o%20nacional%20da%20empresa>. Acesso em: dez. 2020.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100013. Acesso em: 10 jun. 2016.

Disponível em: <http://www3.carosouvintes.org.br/publicitarios-chegam-a-santa-catarina/>. Acesso em: set. 2020.

Disponível em: <https://historiahoje.com/nudez-biquinis-e-topless-seria-o-fim-da-seducao/>. Acesso em: out. 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACORDI, Carla; FREIRA, Felício Moura. Florianópolis como cidade da ditadura: urbanização, milagre econômico e habitação no regime militar. *In: Florianópolis no Tempo Presente*. CAMPOS, Emerson de César; FALCÃO, Luiz Felipe e LOHN, Reinaldo Lindolfo. (Orgs.). – Florianópolis: Editora da Udesc e Diosesc, 2011
- AREND, Silvia Maria Favero. **Filhos de criação: uma história dos menores abandonados no Brasil (década de 1930)**. Doutorado em História. URGs, 2005.
- ASSIS, Leonora Portela de. **Planos, ações e experiências na transformação da pacata Florianópolis em capital turística**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo I: fatos e mitos**. São Paulo: DIFEL, 1970.
- BERNSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. *In: AZEVEDO, Cecília et al. (Orgs.). Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009
- BITENCOURT, Suzana. **Castelos de areia: o turismo de litoral em Florianópolis (1930-1980)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- BURKE, Peter. “História como memória social”. *In: Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- CANELLA, Francisco. O movimento dos sem-teto em Florianópolis: mudanças no perfil dos atores e práticas (1990 – 2013). **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 268-288, dez. 2016. ISSN 2178-4582.
- CANELLA, Francisco. **Entre o local e a cidade: memórias e experiências de duas gerações de moradores da periferia urbana em Florianópolis (1990-2010)**. Tese (Doutorado) - Programa de Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CAMPOS, Emerson César de; FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas)**. **Revista Brasileira de História** (Dossiê Cidades). São Paulo, v. 27, n. 53, p. 267-296- 2007. p. 269.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.
- COSTA, Glaucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (décadas de 50, 60 e 70 do século XX)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DIAS, Rafael Damaceno. **Que invasão é essa?** Leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970-2000). 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

DOSSE, F. História do tempo presente e historiografia (History of the Present Time and Historiography). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, 2012.

Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em: 5 nov. 2021.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os out-siders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. Os primórdios da televisão em Santa Catarina: mercado e produtos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, n. 1, 2014.

FACCIO, Maria da Graça Agostinho. **O Estado e a transformação do espaço urbano:** a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida:** dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Cidade Futura, 2000.

FÁVERI, Marlene de. **Desquite e divórcio:** a polêmica e as repercussões na imprensa. **Caderno Espaço Feminino**, v. 17, n. 1, jan./jul. 2007. p. 335-357.

FERRARI, Maryana Cunha. **Vila Palmira:** prostituição e memória na grande Florianópolis nas décadas de 1960 a 1980. Florianópolis, 2008.

FIORENTIN, Maryana Cunha Ferrari. Vila Palmira – Prostituição em Florianópolis e São José (1960 - 1980). In: **Prostituição em áreas urbanas:** histórias do tempo Presente. FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. (orgs.). Florianópolis: Editora Udesc, 2010.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina** - Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

GOMBRICH, Ernest Hans. **La imagen y el ojo:** nuevos estudios sobre la psicología de la representación pictórica. 2a. ed. Madrid: Debate, 2002.

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. NOVAIS, Fernando A. (coord.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KAMADA, Fabiana Larissa. **A regulamentação do trabalho doméstico à luz da teoria feminista: da invisibilidade ao reconhecimento.** Dissertação (Mestrado) - Direito Político e Econômico – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. **O conceito de História**. Tradução René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução Reinhart Koselleck; Markus Hediger. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC – Rio, 2014.

LONH, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o futuro**. Relação de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. Tese (Doutorado) - História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LONH, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). UESC. **Revista Brasileira de História**. Disponível em: ANAIS do COBRAC 2016 - Florianópolis –SC – Brasil - UFSC – de 16 a 20 de outubro 2016 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100013. Acesso em: 5 nov. 2021.

LONH, Reinaldo Lindolfo. “Lá fora, o tempo passa”: uma breve história das disputas políticas em torno da paisagem urbana de Florianópolis no tempo presente (décadas de 1970 e 1980). **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 124-130, dez. 2016.

LUNARDELLI, Daniel. A “Cidade Milagre”: Novos contornos de uma Florianópolis em vias de modernização. **Cadernos NAUI**, v. 2, n. 2, jan./jun. 201.

LUNARDELLI, Daniel. **O “topless” está aí!** Mudanças de hábitos nas praias de Florianópolis em fins da década de 1970. Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc, 2013.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: FUNECE, 1998, v. 2, p. 15-29.

MALTA, Marilze. Do boudoir ao motel: cultura visual, imagens decorativas e lugares íntimos para o sexo. **Revista Esboços**, n. 19, UFSC. p. 203.

MICHELMANN, A. C. (2015). **Franklin Cascaes, a divulgação turística de Florianópolis e a Invenção da “Ilha da Magia”**. 2015, 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64-89. jan./abr. 2016.

MOURA, Rosa. O Turismo no Projeto de Internacionalização da Imagem de Curitiba. **Turismo: Visão e Ação**, v. 9, n. 3. p. 341-357, set./dez. 2007.

MULLINS, Patrick. **Tourism Urbanization. International Journal of Urban Regional Research**, v. 15, n. 3, p. 326-342, set. 1991.

NADAIS, C. e SANTOS, N. (2012). O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n.º 1, jun.. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território.

- NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima**: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979). São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em História), PUC, São Paulo.
- NICHOLSON, Linda. "Interpretando o gênero". **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- NONNENMACHER, Marilange. Conselheiro Mafra: a alma de uma rua chamada "pecado". In: **Prostituição em áreas urbanas**: histórias do Tempo Presente. FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (org.). Florianópolis: Editora Udesc, 2010.
- NONNENMACHER, Marilange. **Um lugar sem memória**: Rua Conselheiro Mafra no século XX. 2002. Dissertação (Mestrado) - História - Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, 98 p.
- ORLANDI, Verônica Pereira. **Uma cidade em transformação**: modernização da cidade de Florianópolis durante a elaboração do plano diretor de 1976. Monografia (Graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.
- PECHMAN, Robert. **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira História**. v.26, n. 52, São Paulo, dez. 2006.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, v. 24, n. 1, p. 77-98, São Paulo, 2005.
- PEREIRA, Ivonete. Imagens de prostitutas. Um enfoque da sociedade florianopolitana na primeira metade do século XX. **Esboços**: histórias em contextos globais, v. 1, n. 1, p. 26-35, 1994.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 2(2): 7-33, 2. sem. 1990.
- PINTO, Regina Céli Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- PITKIN, Hanna Fenichel. **Representação**: palavras, instituições e ideias. Lua Nova, São Paulo, 67: 15 – 47, 2006.
- RÉMOND, René. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996.
- RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil**: Introdução e Metodologia. Cia editora nacional, SP, 1968.
- ROMERO, José Luis. **América Latina**: as cidades e as ideias. RJ: UFRJ, 2004.
- ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente e o contemporâneo. Tradução de Fernando Coelho, Fabrício Coelho. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELNER, S, V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas em Florianópolis, de 1950 a 1970/2005**.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

SCOTT, Joan. A gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo - Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. 2002.

SOUZA, Jackson Jonar Silva. **Modernização, desenvolvimento turístico e exploração sexual de crianças e adolescentes no âmbito federal e no estado de Alagoas: uma análise documental**. (Dissertação de Mestrado) - Sociologia – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2015.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

TAYLOR, Charles (org.). **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.